

ILUSTRACÃO

16 DE JANEIRO
1931



PREÇO 4 ESCUDOS

ANO VI — NÚMERO 122

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

A Alta Sociedade Europeia e os Produtos

NALLY

Autógrafo extraído do «Livro de Ouro»
de NALLY da Senhora Condessa Gina
Mariotti:

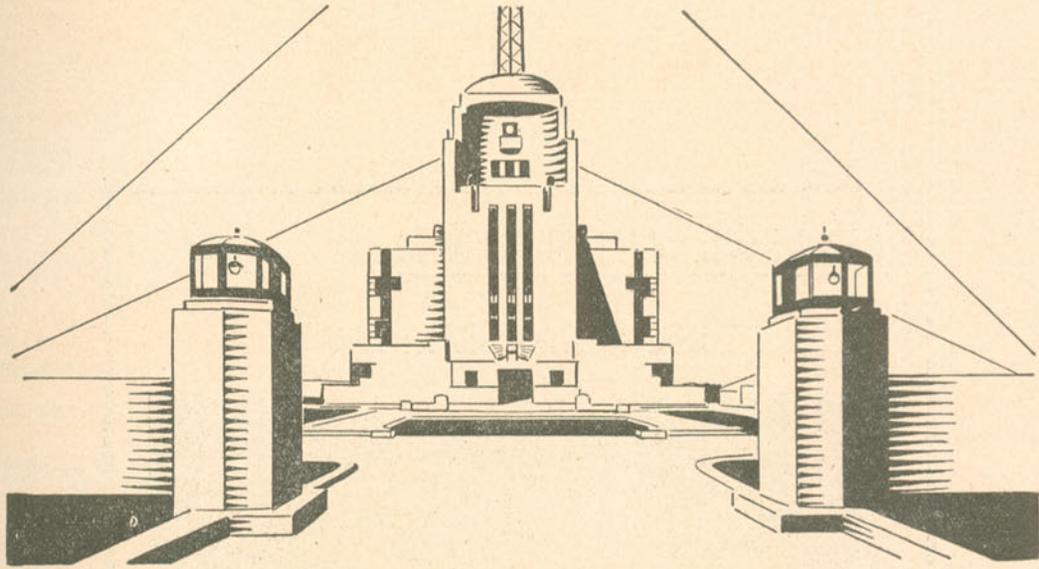
Les parfums Nally synthétisent
le plaisir de vivre, tant leurs
senteurs profondes évoquent
la forêt printanière.
Comtesse Gina Mariotti
12 Avril 1930.

Tradução:

«Os perfumes NALLY sintetizam o prazer de viver, tanto os seus profundos aromas evocam a floresta primaveril».

Os PRODUTOS NALLY, de perfumaria e beleza, obtiveram de Rainhas, Princesas e Aristocratas referências únicas até hoje, EM TODO O MUNDO!

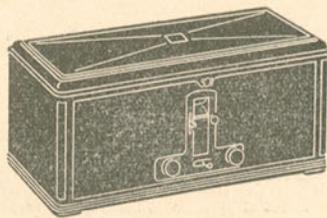
Jámais outros quaisquer produtos conseguiram a pública apreciação de Senhoras de tão elevada estirpe e requintada elegância, e isso, só por si, coloca a marca NALLY acima de qualquer outra, por maior e mais justificada que seja a sua fama.



O emissor de Kootwijk (Holanda) foi instalado pela TELEFUNKEN

Quando o governo holandês deliberou montar 2 grandes estações emissoras para estabelecer a comunicação com as ilhas neerlandesas, conferiu a respectiva encomenda à firma universal Telefunken. Há já muitos anos que êstes dois emissores Telefunken em Kootwijk (Holanda) e Malabar (Java) estão em funcionamento desempenhando a sua emissão com satisfação geral

De qualidade igual ao emissores Telefunken, são os receptores desta casa TELEFUNKEN 40, o receptor com selector de estações, é universalmente conhecido. Mais que 100.000 aparelhos TELEFUNKEN 40 proporcionam alegria diária em tôdas as partes do mundo aos seus possuidores,



res, pelo seu volume e pureza de sons, pela facilidade de regulação do selector de estações e pela extraordinária sensibilidade de captação de emissores distantes. O TELEFUNKEN 40 é o aparelho de rádio que conquistou o mundo. Para corrente alterna e contínua Esc. 3.000\$, incluindo válvulas.

TELEFUNKEN

A MAIS ANTIGA EXPERIENCIA

A MAIS MODERNA CONSTRUÇÃO

Peça V. Ex.^a uma demonstração aos nossos agentes ou directamente á

LISBOA
Rua dos Fanqueiros, 12-16

AEG

PORTO
Rua Sá da Bandeira, 209-215

A maior novidade literária do momento é:

LOUIS-CHARLES ROYER



NO PAÍS DA GENTE NUA

Grande reportagem ilus-
trada pela fotografia

Pedidos às LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA



OLHAR QUE FASCINA

Com o emulador KURLASH das pestanas

Que é um engenhoso aparelho que permite com o Farol Kodak Cosmético, em alguns segundos, arquear as pestanas tal como nós vemos nas artistas de filmes norte americanos. Transforme as suas pestanas em farras e longas com os productos VILDIZIENNE e ondúle-as com KURLASH. Use na toilette da noite Creme de Massagem Rainha da Hungria e da toilette diaria, Agua, Creme, Rouge e Pó d'Arroz da grande marca Rainha da Hungria, 5 amostras 10\$60, pelo correio 14\$00 que embeleza

Rejuvenesce, Eterniza a mocidade!

Peça catalogo gratis

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

— As mais luxuosas instalações —

Directora: M.^{me} CAMPOS

AVENIDA DA LIBERDADE, 35



"EVA," Uma linda **capa**

Uma elegante primeira página
— Uma sensacional página central —
Os mais lindos figurinos

PRIMOROSA COLABORAÇÃO LITERÁRIA: Artigos, Crônicas, Crítica literária, Conselhos e alvitres, Culinária



Os homens do amanhã

A Maizena Duryea contem os elementos nutritivos necesarios para tornar sólidos esses tenros ossinhos e dar vigor aos delicados musculos que com tanto esforço mal aguentam agora o pequenino corpo vacillante, que ensaia os seus primeiros passos e que, no emtanto, formam a verdadeira base do organismo sadio e robusto da creança do amanhã. Peça-nos o precioso livrinho da Maizena Duryea, onde se encontram as receitas de muitos pratos deliciosos e alimenticios.

CARLOS DE SA PEREIRA, L.^{da}
Rua Arco Ban-
deira, 115 -
LISBOA



GRATIS

MAIZENA DURYEA



Sílaba por sílaba!

Assim, com toda a nitidez, é que V. Exa. deve pedir comprimidos de Cafiaspirina sempre que sofra de dores de qualquer natureza. Lembre-se também que á Cafiaspirina não sómente traz alivio imediato ás suas dores, mas aumenta também o bem estar, devido á acção tónica da Cafeina. Não peça "qualquer coisa contra as dores" mas expressamente Cafiaspirina—exigindo também, no seu proprio interesse, a marca de garantia, que é a cruz "Bayer".



MAGAZINE
BERTRAND

CONTINUA A MANTER
A SUA SUPREMACIA

LEIAM O NÚMERO DE JANEIRO

DITAMES E DITERIOS

por ALFREDO DA CUNHA

EDIÇÃO ARTISTICA

2.º volume — 15\$00

1.º e 2.º volumes — 25\$00

Desta obra escreveu João Grave:

«Sou de há muito um autêntico apaixonado de tudo quanto se refere a «Ditados», desde os dos velhos canceiros, desde os do Marquês de Santillana...

«Mas tê-los agora a muitos, a muitíssimos dêles, interpretados, glosados com fina ironia, em belos versos fluentes, em tôdas as rimas, nos mais variados metros, e tudo, a demais, numa linguagem correctíssima, em que o apuro da forma é insuperável — eis o que é de admirar — e de agradecer.

«Ditames e Diterios» ficará clássico no capítulo tão interessante da literatura em que se enquadra.

«Livro encantador, que queremos ler a fugir, mas que temos de ler pausadamente para meditar na graça, no propósito, na filosofia prática que nos diverte e instrui».

À VENDA NAS LIVRARIAS

E NA FILIAL DO «DIÁRIO DE NOTÍCIAS»

LARGO TRINDADE COELHO, 10 e 11

ACABA DE APARECER

REFORMA DO CODIGO CIVIL

(Dec. n.º 19:126, de 16 de Dezembro de 1930)

Inserindo o texto integral que altera diversos artigos do Código Civil e também a explicação ou justificação sumária das várias alterações segundo a nota officiosa fornecida pelo Ministério da Justiça.

PREÇO 8\$00 Esc.

Pelo correio, à cobrança, mais 1 escudo

À VENDA NA FILIAL DO «DIÁRIO DE NOTÍCIAS»

LARGO TRINDADE COELHO, 10 e 11

LISBOA

HISTORIA DE PORTUGAL

DE

ROCHA MARTINS

(2.ª EDIÇÃO)

D. Duarte (O Eloquentes)

As tendências do rei e a de seus irmãos — A Rainha — O Cabo Bojador — Expedições a Tanger — A igreja e Portugal — O exército da conquista — O Infante Santo — O resgate do Infante.

REGENCIA DO INFANTE D. PEDRO

O testamento de Dom Duarte — Os partidos rivais — Tumultos na capital — Os príncipes de Avis — As lutas em Castela — O regente — As novas conquistas — O Infante Santo — A casa de Bragança — Fim da regência.

A 2.ª EDIÇÃO

«Historia de Portugal,,
de ROCHA MARTINS

Encontra-se já à venda na Filial do «Diário de Notícias», Largo Trindade Coelho, 10. **Preço 35\$00 escudos.** Envia-se pelo correio contra reembolso de Esc. 38\$00.

A' Classe Forense

CODIGO DO PROCESSO CIVIL ACTUALIZADO E COMENTADO

Esta notável obra, da autoria do distinto advogado dr. Azevedo Souto, acompanha em comentário todos os artigos do Código, inserindo no lugar próprio tôda a legislação respectiva em vigor, e encerra, ao lado da doutrina, a mais importante e moderna jurisprudência.

O 2.º vol. é posto à venda em Janeiro.

Preço do 1.º vol. 60\$00

À VENDA NA FILIAL DO «DIÁRIO DE NOTÍCIAS»

LARGO TRINDADE COELHO, 10 e 11 — LISBOA

ANTOLOGIA PORTUGUESA

ORGANIZADA PELO

DR. AGOSTINHO DE CAMPOS

Sócio correspondente da Academia de Ciências de Lisboa

A série da ANTOLOGIA PORTUGUESA, que virá a constar de uns trinta volumes, pelo menos, não será apresentada ao público com numeração editorial. Cada possuidor a ordenará como entenda, ou cronologicamente, ou por poetas e prosadores, segundo o seu critério e vontade.

VOLUMES PUBLICADOS:

MANOEL BERNARDES, dois volumes.
ALEXANDRE HERCULANO, 1.º volume.
FREI LUIS DE SOUSA, 1.º volume.
BARROS, 1.º volume.
GUERRA JUNQUEIRO, verso e prosa, um volume.
TRANCOSO, um volume.
PALADINOS DA LINHAGEM, três volumes.
FERNÃO LOPES, três volumes.
LUCENA, dois volumes.
EÇA DE QUEIROZ, dois volumes.
AUGUSTO GIL, um volume.
CAMÕES LÍRICO, 1.º, 2.º, 3.º e 4.º volumes.
ANTERO DE FIGUEIREDO.
AFONSO LOPES VIEIRA.

EM PREPARAÇÃO:

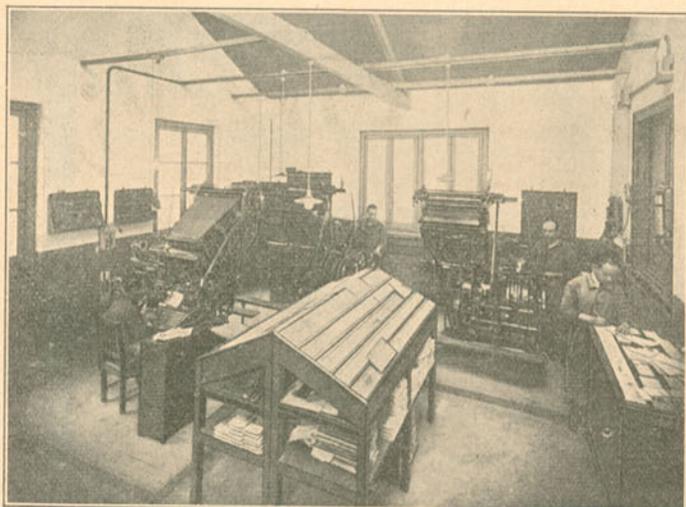
CAMÕES LÍRICO, 5.º volume.

Cada volume brochado . . . Esc. 10\$00
encadernado ,, 14\$00

Dirigir pedidos ás

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA



Sala das máquinas "Linotype"

Sociedade Gráfica Editorial

S. A. R. L.

Rua da Alegria, 30
LISBOA

TRICROMIA
DESENHO
TRABALHOS DE
GRANDE ARTE
TRABALHOS
COMERCIAIS
INEXCEDIVEL
PERFEIÇÃO
ORÇAMENTOS
GRATIS

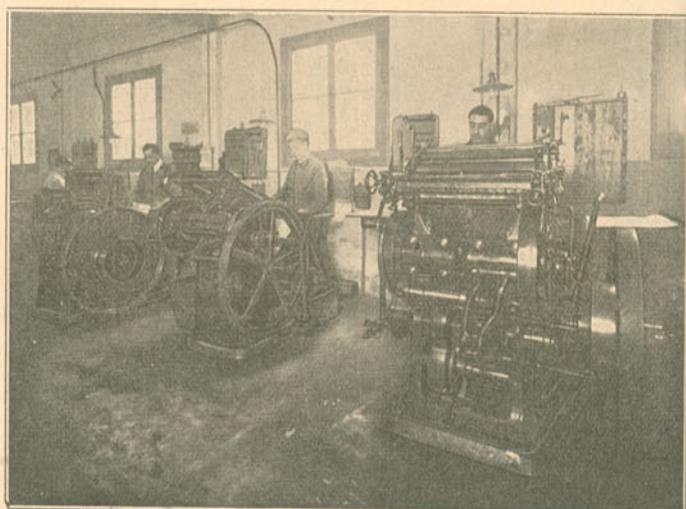
E' nas oficinas desta Sociedade que se imprimem todos os belos trabalhos gráficos de

Ilustração, Magazine
Bertrand, O Volante,
Historia da Literatura
Portuguesa (Ilustrada),
O Comercio Português,
Revista Aéronáutica
Almanach Bertrand

As mais modernas instalações do paiz e aquelas que maior capacidade de produção possuem ~ ~ ~

SECÇÃO ESPECIAL
DE PUBLICAÇÕES
PERIÓDICAS ULTRA-
- - - RÁPIDAS - - -

COMPOSIÇÃO MECANICA



Uma fase da oficina de impressão



Clarion Radio

IMPÕE-SE POR SI PRÓPRIO!

**Causa assombro a sua incontestável superioridade
técnica aliada a uma modificação
de preço tão atraente**

A Transformer Corporation of America fabrica nas suas modernas fabricas automaticas
todas as peças que formam o receptor completo

OS SEUS VASTOS E EXPERIENTES LABORATORIOS DE EN-
GENHARIA GARANTEM AO POSSUIDOR DO "CLARION,"

O maior valor de radio hoje existente no mercado

Modêlo C. A. 51

LINDISSIMO MODELO EM RICAS
MADEIRAS DE NOGUEIRA E SETIM
ALTURA, 1 METRO; LARGURA, 0,67
FUNDO, 0,37

INCLUINDO TODOS OS MAIS RECENTES
APERFEIÇOAMENTOS

8 LAMPADAS

(3 de grelha blindada)

SELECTOR DE TOM
AMPLIFICAÇÃO «PUSH-PULL»
COMUTADOR DISTÂNCIA-LOCAL
REGULADOR AUTOMÁTICO DE VOLTAGEM
DISPOSITIVO PARA REPRODUÇÃO DE FONOGRAFIAS
VOLUME DE SOM TEATRAL

Completo com lampadas 4.800\$00

Peçam uma audição demonstrativa
aos revendedores autorizados ou aos

Representantes gerais em Portugal da Transformer Corporation of America

CASA SERRAS

Rua da Madalena, 109 - LISBOA



100 comboios tendo cada um mais de 50 vagon

de 10 toneladas, seriam necessários para transportar numa só vez a produção anual em chocolates das fábricas **NESTLÉ, PETTER, CAILLER e KOHLER**, (marcas NESTLÉ) que é de

50.625.123 kg.

ILUS TRA ÇÃO

Ano VI ————— N.º 122

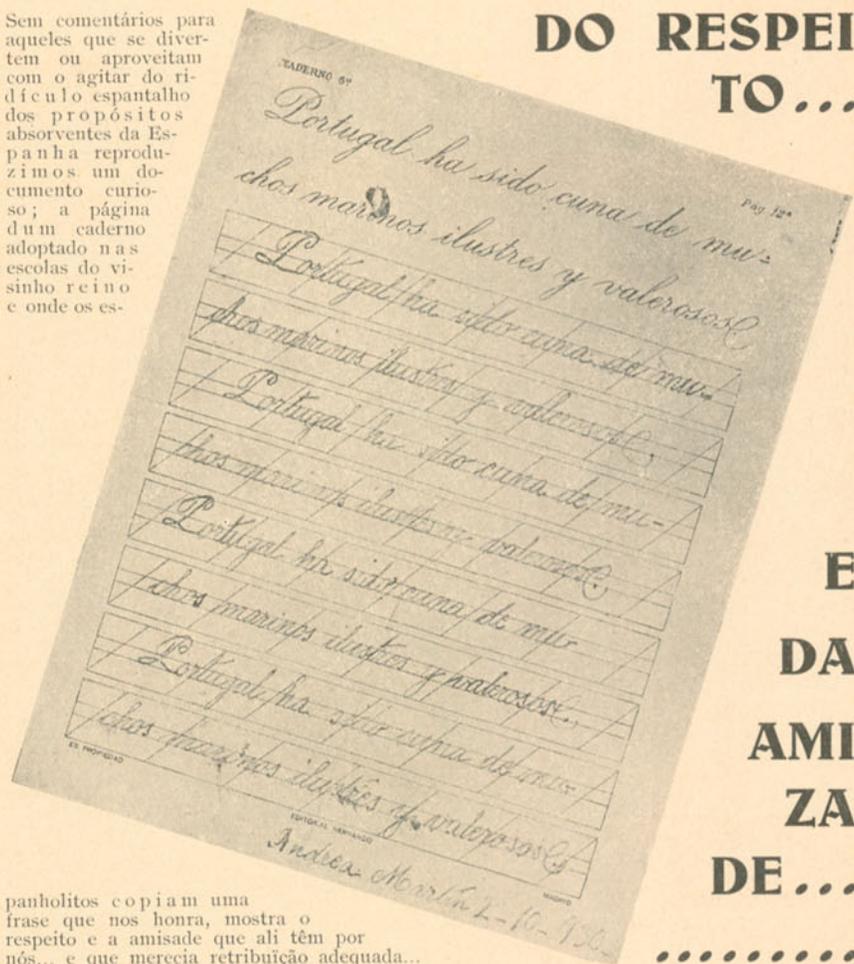
16 de Janeiro de 1931

Director-Delegado: José Carlos da Silva
Director: João de Sousa Fonseca ..
Editor: Francisco Amaro

Redacção: RUA CECILIO DE SOUSA, 77, 1.º —
Telef. 2 1467 .. Composição e impressão:
RUA DA ALEGRIA, 30 — Telef. 2 0537 ..
Assinaturas e Administração: RUA DO DIARIO
DE NOTICIAS, 78 — Telef. 2 3132 .. Publici-
cidade: RUA ANCHIETA, 25 — Telef. 2 0535 ..
Propriedade e edição de Aillaud, Ltd.^a e Em-
presa Nacional de Publicidade — LISBOA.

Sem comentários para aqueles que se divertem ou aproveitam com o agitar do ridículo espantoso dos propósitos absorventes da Espanha reproduzimos um documento curioso; a página dum caderno adoptado nas escolas do visinho reino e onde os es-

DO RESPEI
TO...



E
DA
AMI
ZA
DE...

panhotos copiam uma frase que nos honra, mostra o respeito e a amizade que ali têm por nós... e que merecia retribuição adequada...

CRONICA DA QUINZENA



RYKOW

O homem do momento na Rússia. O último representante duma das correntes do sovietismo e que acaba de ser destituído pelo Comité Executivo Central, é figura de grande relevo mental e literário.

(Foto Orrios.)

DAR uma olhadela despreocupada ao panorama político da Europa é topar com um embrechado tão difícil de destrinçar em seus pormenores como difícil era, outrora, a solução de certos labirintos do Almanaque das Senhoras. A cada passo uma notícia salta que, encarada como sintoma, vem contrariar toda a visão que tínhamos do futuro deste ou aquele país ou até do seu presente, tão confusas e nebulosas são algumas situações políticas do velho continente. Disentir se a hora é das democracias puras ou das autoeracias mais ou menos francas, parece-me tarefa tão difícil como profetisar se o mundo político tomará como figurino futuro das suas andainas governativas os moldes de Mosocovo ou de Roma Cesárea. Mussolini, ora bélico ora conciliador, monopolisa a radiofonia e as «actulidades» cine-sonoras. Mustafá Kemal ora se assemelha a um Trotzki corado ora a um Hittler com força. Hittler, por exemplo, não se destrinça bem se é fantoche parenóico ou uma fatalidade social em marcha. Os trabalhadores ingleses, ao que parece, bailam na corda sobre um precipício formidável mas deve ser excelente a sua maromba. França, por si, talvez graças ao sorriso de Doumergue, revela-se com uma coerência vulgar cada vez mais democrática e liberal e é, talvez, a nação deste matiz, no mundo inteiro, que mais justo equilíbrio social apresenta.

Em conjunto, só um ponto comum entre todas as grandes nações da Europa. A evolução do político é, em quasi todas, paralela. Ontem, o político era um profissional, um empregado nesse difícil mister, começando, como nas lojas de fazendas num *marçanato*, evoluindo até ao conselheirismo e tendo às vezes, cedo de mais, sociedade na loja. Hoje, por toda a parte, é característica a intervenção dos grandes intelectuais na política activa. Em França, Mauras e Leon Daudet, grandes escritores, estão na direita monárquica, como Herriot, o grande ensaista e crítico é radical e Barbusse comunista. E ainda Poincaré e Briand são, além de políticos, homens de ciência e jornalistas. Mussolini escreve e escreve. Uma obra sua, nitidamente anti-clerical, corre pelo mundo. A Rússia de hoje, todos o sabem, nasceu dum movimento cerebral; Bernard Shaw, na Inglaterra, faz tremer governos com as suas sátiras. Aqui ao lado, em Espanha, parece certo que o futuro próximo pertencerá a Marañón, a Perez de Ayala, a Vale Inclán e a toda a sua grande camada intelectual. E assim sucessivamente, por toda a parte. E as excepções, se as há, só se verificam em países que momentaneamente se vejam aliados do movimento geral do mundo civilizado pela força dos preconceitos ou das reacções que neles se entrechocam.

A. C.

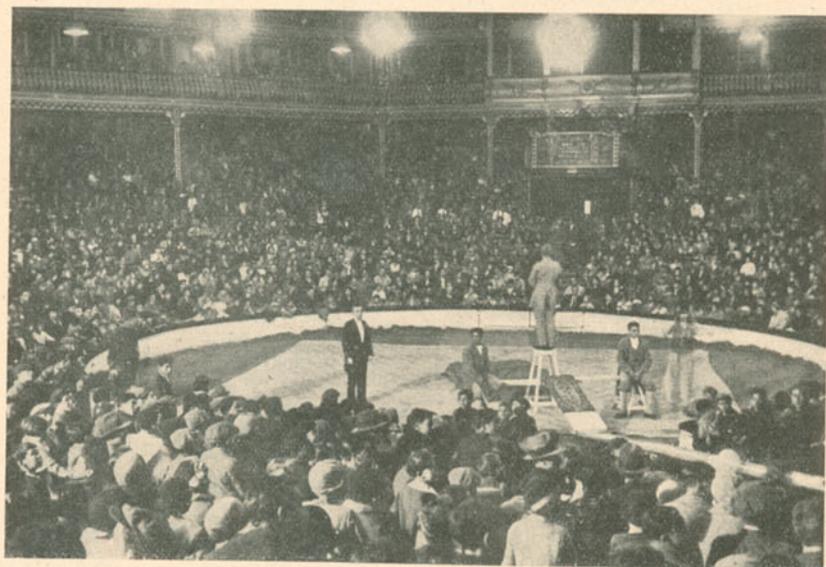
VEJAM!



O "Diário de Notícias" fez 66 anos

O grande e glorioso *Diário de Notícias* comemorou o seu 66.º aniversário. E as suas festas foram das mais belas; foram festas de bem-fazer e festas para as crianças em todo o país. À esquerda, um aspecto do Coliseu dos Recreios cheio de petizada, e em cima, Carolina Homem Cristo, chefe dos serviços de propaganda e nossa ilustre camarada, que organizou as festas infantis.

(Foto H. de Novais)



O XI aniversário da morte de Galdós

A Espanha, justamente orgulhosa dos seus grandes artistas, não os esquece nunca, corram os ventos políticos que correrem. Benito Perez Galdós, o grande novelista, o genial escritor de *Electra* e *Fortunata y Jacinta*, já tem, em Madrid, um belo monumento. Mas agora, no XI aniversário da sua morte, homens de letras como os Irmãos Quintero, Gregorio Mañón, Ramon Perez de Ayala, Alberto Insúa, Diego San José, Hernandez Catá e Luis de Tapia, acompanhando a insigne actriz Lola Membrives, juncaram de flores a bela obra de Victorio Macho, num preito de saúde pelo Mestre glorioso.

(Foto Orrios)



A OBRA DA REAL COMPANHIA VINICOLA DO NORTE DE PORTUGAL

RESSURGINDO de um longo letargo, esta grande empresa nacional está pondo em execução um largo plano de propaganda em Portugal e no estrangeiro, dos nossos vinhos do

Pôrto. As nossas gravuras representam, à esquerda, o «copo de água» oferecido à Imprensa por ocasião da inauguração dum pôsto de venda em Lisboa; e à direita, os jornalistas e di-

rigentes da Companhia na visita que os primeiros fizeram às colossais instalações do Pôrto e Gaia, gentilmente convidados.

(Foto H. de Novais)



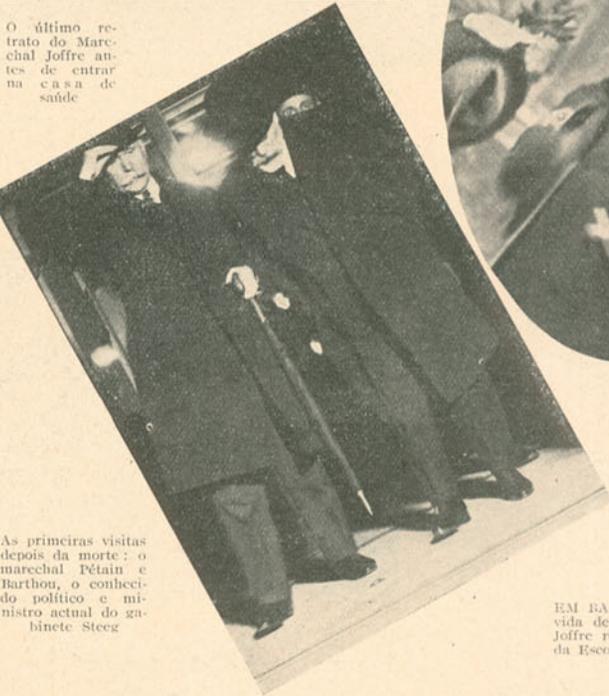
Joffre



A França, prestou, nas ruas de Paris e nos centros oficiais, as homenagens da sua saúde ao grande cabo de guerra que, no Marne, a salvou da desapátrião da face da Europa como nação independente. Em muitos recantos da terra gaulesa, rudes trabalhadores que foram *peludos* nas trincheiras, terão recordado, com saúde, êsse homem genial e bondoso, modesto e magnífico que os levou à vitória. E depois... tudo passará. E daqui a alguns meses, estará esquecido Joffre se algum literatello não se lembrar de escrever um livro em que negue a sua glória e o seu talento.



O general Gouraud, o grande mutilado, sai da casa de saúde onde o marechal agonizava



As primeiras visitas depois da morte: o marechal Pétain e Barthou, o conhecido político e ministro actual do gabinete Steeg



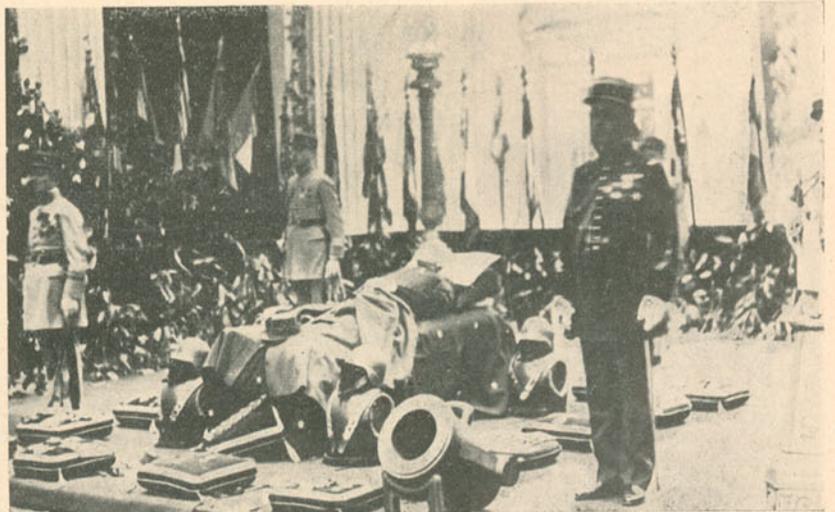
A porta da casa de saúde. Um repórter insta o núncio de SS., Mgr. Maglione que sai de ver o moribundo



Após a vitória. Uma foto que o Marechal, refractário a todos os exhibicionismos, consentiu em posar, com sua esposa, que foi, agora, a dedicada enfermeira do grande morto

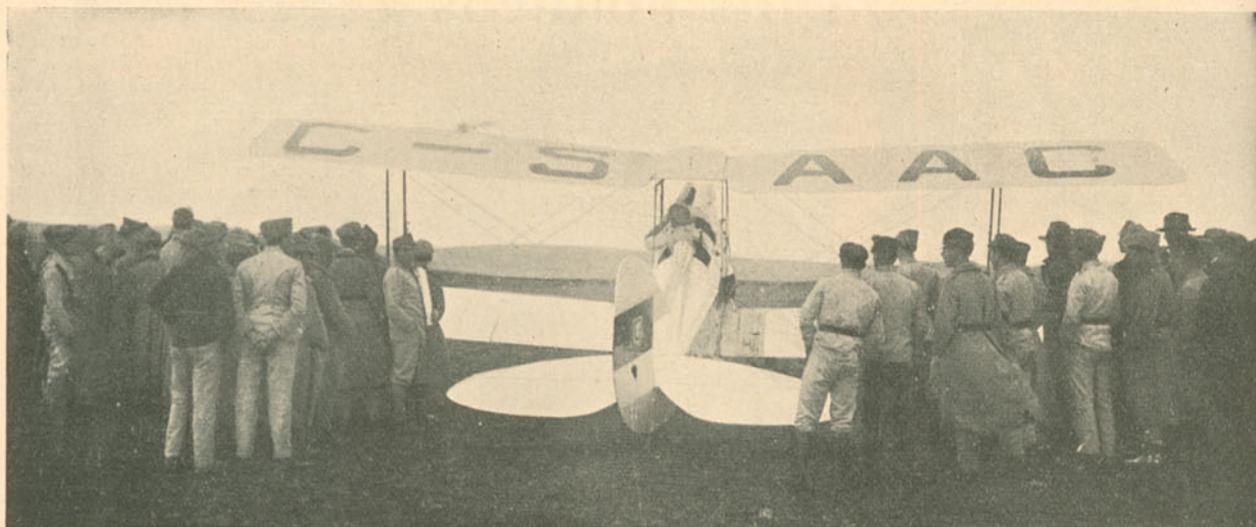
EM BAIXO—O epifogo teatral da vida de recatada glória. O corpo de Joffre repousando na câmara ardente da Escola Militar antes da inumação

(Fotos Orrios)



VEJAM!...

ASAS!!



A frágil avioneta tripulada por Carlos Bleck e Humberto da Cruz, está a cumprir o programa traçado para o seu *raid* Lisboa-Luanda-Lisboa. E cumpre brilhantemente o cometido. Sem um precalço, sem exagerado reclamo pessoal, estão os dois

aviadores em vésperas de finalizar a sua rota de ida, num belo feito desportivo. A nossa

foto representa o Jorge de Castilho no momento da largada para a viagem.



O RESCALDO DE UMA REVOLTA

O recente movimento revolucionário republicano espanhol, de trágico desfecho em Jaca e Huesca, não teve conseqüências tão contrárias à sensibilidade humana na parte da sedição que se referiu a Madrid. Os oficiais da aviação, revoltados, emigraram para Portugal onde receberam a sagrada hospitalidade lusitana. Depois, os proscritos, ao sabor do acaso ou das necessidades, espalharam-se pela Europa buscando ganhar a vida. Assim, em cima, reproduzimos um interessante grupo em que Ramon Franco e o seu mecânico Rada, ao chegar à Bélgica, são abraçados pelo velho coronel Maciá, o herói da independência da Catalunha, também proscrito. No oval, um dos grandes chefes da revolta, o general Queipo del Llano, momentos antes de partir de Lisboa, lendo uma carta com notícias de Espanha e em baixo, à esquerda, os comparsas humildes do drama, os ignorados mineiros espanhóis, promotores duma greve republicana de apoio à revolta e que tiveram também que homisiar-se em Portugal, partindo como emigrantes para a Argentina.





Dois políticos em fóco

A recente tentativa de implantação da República em Espanha, veio pôr em fóco, entre outras figuras prestigiosas em franca rebeldia contra o trono de Afonso XIII, os dois chefes republicanos D. Niceto Alcalá Zamora e D. Miguel Maura. A sua attitude, pedindo para si as responsabilidades do manifesto revolucionário e da organização do movimento e suportando, com ânimo forte, as provações do cativo, é simplesmente admirável!

Alcalá Zamora (à esquerda), foi político monárquico e era o indigitado presidente da República. E católico fervoroso. Miguel Maura (à direita) é filho do grande conservador António Maura e milita combativamente no partido republicano.

(Fotos Orrios)



UMA HOMENAGEM SIGNIFICATIVA

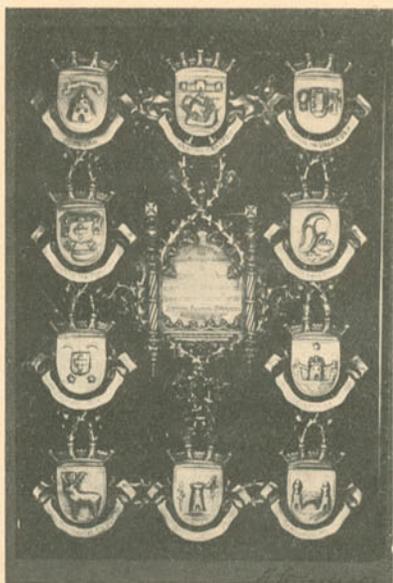
Em Viana do Castelo, as mais ilustres personalidades homenagearam o governador civil, capitão António Albino Douwens, entregando-lhe as insígnias da comenda de Cristo com que foi agraciado e uma bela tapesta, trabalhada por Filipe Bandeira, o autor do Res-

licário de D. João I, contendo expressiva mensagem. Em baixo reproduzimos este belo trabalho e em cima o homenageado (x) com os ilustres representantes dos concelhos do seu distrito, promotores da homenagem.

(Fotos Aureliano Carneiro)

UMA FIGURA QUE DESAPARECE

O saudável financeiro e grande industrial dr. Corrêa Guedes, cujo falecimento, em consequência de um desastre, emocionou profundamente tôdas as camadas sociais portuguesas onde era estimado e admirado por suas qualidades.



UM PINTOR NOTAVEL

António Soares, que expôs os seus maravilhosos desenhos, há poucos dias, em Lisboa, é um pintor notabilíssimo. Por direito próprio, conquistado arduamente,



à força de talento e de pertinácia, ocupa o primeiro lugar, indiscutivelmente, entre os nossos pintores de hoje. O Museu de Arte Contemporânea adquiriu dois trabalhos de António Soares consagrando assim, oficialmente, um artista que já se consagrara publicamente pelo seu mérito.

UM COLABORADOR VALIOSO

O distinto escritor e colonialista João Pereira do Rio, que tem honrado as nossas páginas com sugestivas e brilhantes crónicas da vida africana assinadas com o seu pseudónimo Zarco de Almirim.



VEJAM!..



EM CIMA — Assistência elegante à festa que o Club Náutico de Portugal promoveu no Palácio de S. Luís com fins beneficentes e de protecção à obra do Sanatório do Lumiar.



À DIREITA — O sr. ministro da Marinha com os *sporimen* premiados durante o ano náutico e que receberam as suas taças na festa do Palácio de S. Luís.



À ESQUERDA — A tradicional recepção do Ano Bom na Legação de França e a que concorrem as figuras mais categorizadas e elegantes da colónia francesa em Lisboa.



Na Basílica da Estrela realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria de Lourdes Nunes Branco, genitil filha da sr.^a D. Maria Cláudia da Silva Nunes Branco e do sr. Manuel Nunes Branco, com o sr. Manuel Carlos de Almeida Caiola Zagalo, filho da sr.^a D. Maria da Glória de Almeida Caiola Zagalo, e do nosso querido amigo sr. Amâncio Gil de Almeida Caiola Zagalo, secretário da Empresa Nacional de Publicidade. Foi celebrante o reverendo prior da Lapa, Monsenhor Domingos Nogueira.

(Fotos
Hordácio
Norais)



No Estoril realizou-se o casamento de Mr. Leonard U'bright com miss Cicely Bucknall, filha de Mr. e Mrs. Douglas Bucknall. A cerimónia, que constituiu um verdadeiro acontecimento mundano, assistiram entre outras as seguintes pessoas: Lady Lindley, embaixatriz de Inglaterra; Mr. e Madame Pralon, ministros de França; Mr. J. Adan, conselheiro da Embaixada inglesa e muitas outras personalidades em destaque do grande mundo.





No Hotel de Itália do Monte Estoril. Altas personalidades, de grande relêvo social, festejam, alegremente, o bater da meia noite que findou o ano velho.



(Foto Serra Ribeiro e Hordelo Novais)



Brilhante levada a creche Naval, pelo de Portugal

A ESQUERDA — A elegantíssima e alegre assistência à festa de fim do ano que se realizou na Sociedade de Belas Artes, promovida por estudantes da Universidade.



Aspecto da animada reunião nos salões da casa Cláudio Santiago



(Fotos Serra Ribeiro e Hordelo Novais)

EM BAIXO — Formosíssimas e distintas senhoras da colônia francesa, vestindo lindos trajos regionais portugueses, na festa elegantíssima realizada na elegante residência do adido comercial da França, Mr. Emile Goatchon.

No Avenida Palace, o final do ano velho e o advento de 1931, festejaram-se com júbilo e entusiasmo... e elegância...

FESTAS

ELEGANTES

desportos

O inverno é a estação dos jogos ao ar livre, da corrida pelos campos e pelos bosques.

O desportista insensível ao frio, à chuva, às intempéries, sente um prazer especial, incompreensível aos profanos, nesta comunhão íntima com os elementos da natureza, estimulantes da própria energia.

Não há satisfação maior, para um praticante do desporto, do que um percurso correndo através campo, livre na paisagem livre, enchendo os olhos na cinematografia do ambiente sempre variado, e os pulmões do ar puro e tonificante de uma campestre manhã de inverno.

A propaganda da corrida através campo, como medida higiênica e sem espírito de competição, está por fazer entre nós; e, no entanto, este desporto presta-se a uma adaptação para todos os indivíduos e em todas as idades. O percurso escolhe-se fácil ou semeado de obstáculos, conforme cada um sente suas capacidades; o andamento é rápido ou lento, ao sabor das possibilidades do praticante.

Só um factor é comum a todos, o aproveitamento físico, o benefício de uns minutos de exercício são, em plena natureza, sem artifícios nem retraimentos.

UMA REFERÊNCIA LISONGEIRA

O diário desportivo parisiense *L'Auto* publicava, numa das suas recentes primeiras páginas, uma classificação dos melhores esgrimistas do mundo, nas três armas.



Em Duijch. Depois da final de foot-ball entre os estudantes do Southwark e os do South London (Fotos Orrios)



Três atletas do Middlesex Ladies Athletic Club olhando-se ao espelho depois de vencer o Cross feminino nacional inglês



Uma queda aparatosa na partida de rugby Maryland-Georgetown, realizada em Baltimore no fim do ano

Favorecendo embora largamente os seus compatriotas, aos quais concede os dois primeiros lugares na escala, o quarto, o sexto e o oitavo, o jornalista incluiu no nono lugar o nosso compatriota Silveira, deixando para três italianos o terceiro, quinto e sétimo postos, e completando a lista com um americano.

O lugar de honra é concedido a Philipp Cattian, e o seguinte a Bernard Schmetz, que ambos nos visitaram a quando do Portugal-França disputado no Estoril.

UMA GRANDE PROEZA

Uma esquadra de doze aviões italianos saiu de Bolama em demanda do Brasil e dez entre eles atingiram sem precalço o seu destino, realizando uma grande travessia e conjunto, o maior triunfo de uma aviação nacional.

Nestas linhas queremos destacar, mais que a vitória técnica, o espírito desportivo dos tripulantes das aeronaves. Partir em grupo numeroso para uma aventura audaciosa, como quem vai de passeio aos arrabaldes em tarde de férias, traduz uma audácia, uma firmeza de ânimo, uma confiança, que só podem provir de uma perfeita cultura física e de uma profícua educação desportiva. Os italianos colhem desta forma os frutos da atenção que os seus poderes públicos dedicam a todas as manifestações desportivas do seu povo; nação moderna, governada por cérebros avançados, a Itália compreendeu o valor do desporto como escola de carácter, tornou-o um utensílio nacional. Quando abriremos os olhos às grandes verdades?



SANTA CATARINA

FORMOSO QUADRO
ASSINADO "CARVALHO" E QUE
SE ATRIBUE
A UM MESTRE PORTUGUÊS

A pintura talvez não deva exprimir literatura. Mas quem duvida que possa exprimir literatura?

Seja ou não pintura literária, o essencial é que as duas coisas que formam o quadro sejam boas de per si, isto é, sejam puras.

Assim como se faz literatura ilustrada com



«Matarin, lerin, lerero» (roda andaluza), por Lopez Obrero

desenhos, lembrei-me eu de fazer desenhos ilustrados com literatura.

Trata-se duma nova tentativa de Pintura da História. Ou melhor, duma nova visão



«La pajara pinta», por Lopez Obrero

de Pintura da História. Da história da Andaluzia. Das canções que acompanham os jogos das crianças e da arquitectura. Das canções e da arquitectura do povo. Do popular.

Em vez do quadro, preferi a estampa. Porque a estampa está mais perto das sensações e das possibilidades do ambiente ingénuo,



«El patio de mi casa», por Lopez Obrero

ESTAMPAS POPULARES DA ANDALUZIA

Ensaio de pintura lírica interpretados e explicados pelo pintor cordovês
ANGEL LOPEZ OBRERO

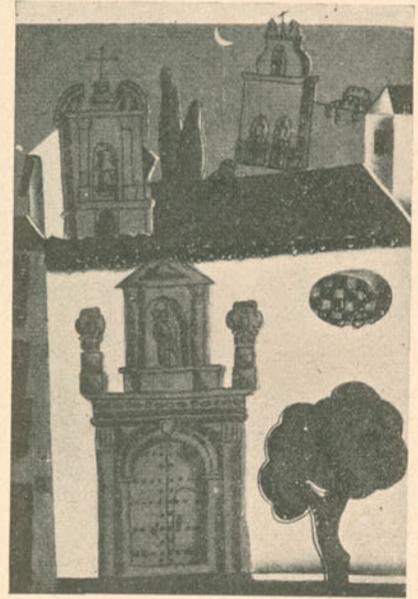


vacilante e caprichoso da imaginação dos pequenotes. Além disso é simples e frágil como uma folha de papel.

Em compensação, o quadro é uma coisa

muito mais séria, própria das pessoas já grandes, que não digerem bem o tema pequenino e gracioso do mundo popular.

Cada estampa pretende ser a expressão gráfica dos ingredientes (sensações, factos, sugestões) de que consta uma canção ou uma coisa da rua, de coisas que há nas ruas da



«Fachada de iglesia con campanas», por Lopez Obrero»

Andaluzia. Tem um bocadinho de imaginação e um pouquinho de realidade.

Devo também dizer que estes modestos ensaios de pintura não são feitos para uma minoria selecta, mas para toda a gente. Para toda a gente, é claro, que esteja livre de pre-

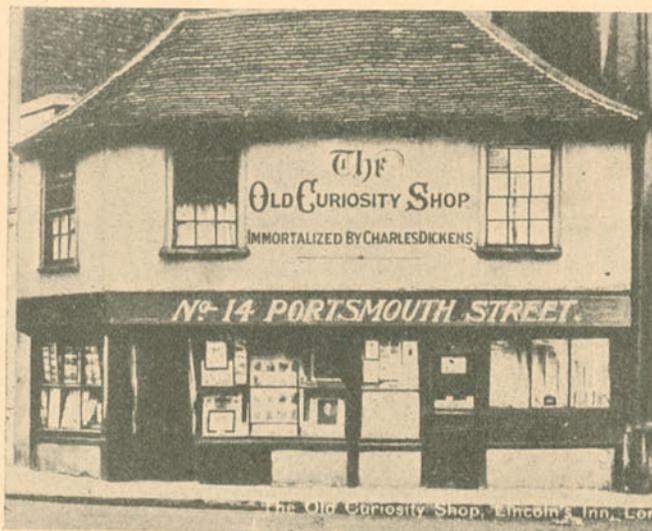


«Trozo de fachada con nicho y santo» por Lopez Obrero

conceitos de pintura, pelo menos de pintura passada, arqueológica. Porque se há uma pintura essencialmente anti-popular, de minorias, também deve haver outra que, mais tarde ou mais cedo, chegue a ser sentida pelas maiorias.

A. LOPEZ OBRERO.

IM
PRESSÕES
DE
VIA
GEM



O «Bazar de Antiguidades» que inspirou Dickens

AS
RUAS
DE
LON
DRES

VISTA à luz deste sol de Outono, Londres não é a cidade merencória, negra, que muitos visitantes portugueses viram. Podé não sorrir graciosa, galantemente porque sua grandeza lhe dá um ar severo, mas é amável em muitos trechos, recantos, bairros, que seduzem os olhos mais familiarizados com o mundo, e garrida, até, quando, a esta temperatura de 13°, se praticam, ainda, os desportos elegantes do campo, enchendo-se os grandes parques duma multidão que sorri, que marca encontros, que namora, que flirteia, que se desembaraça, finalmente, de tudo o que aluga às profissões, para viver as horas livres das suas tendências de espírito ou hábitos saudáveis. Se Londres da City, das grandes artérias que rodeiam Piccadilly-circus, ou

Oxford-circus, é uma cidade pesada porque os seus edificios parecem ter sido construídos pelos mesmos moldes, o que lhe dá um ar de monumental de série,—se percorrermos as ruas circunvizinhas do Hyde Park, Linden Gardens, por exemplo, lá vamos encontrar a moradia alindada, sem espanto, mas elegantíssima de proporções, encantadora sem arrebiques, de linhas aristocráticas de velho palacete, e logo mostrando conforto e quenturas de ninho. Pormenor arquitectónico de bôm-gosto e inteligência é o pórtico. Recuadas as casas para que as caves recebam ar e luz, do corpo do edificio avançam até a rua, as quatro colunas esbeltas dum atriozinho gracioso.

Mais magnificante que Paris, mesmo para nós, latinos, só notamos em Londres a falta

dos pormenores de imaginação que são as notas de arranjo e côr daquela capital. Em Paris, e a cada passo, os nossos olhos ficam enamorados das pequenas manifestações de bom-gosto, que podemos observar inconsistente, mas são encantadoras: um cartaz que berra exotismo, o arrôjo de construção dum prédio com ar estranho, dum prédio como não há outro... Tudo, em Londres, é mais severo, mais pesado, mais sólido. A inquietação mental dum architecto em Paris criando novas modalidades de construção não teria campo propício em Londres. O mesmo com a decoração. Nenhuma nota exótica. Os antipáticos dourados que tornam velho aquilo que é novo, são ainda a côr preferida aqui. Mais objectivamente: em Paris procura-se apenas o bôm-gosto, desprezando



Casas velhas de Holborn



Uma vista da típica

configuração de Aldwych

a solenidade e aparência definitiva das coisas; em Londres constroem-se tudo sem olhar aos gastos, como se construíssem para a eternidade. Em Paris, as montras de qualquer estabelecimento atestam a preocupação da originalidade e bom-gosto; em Londres, a não ser episódicamente, são mostruários de tudo quanto um bem fornecido estabelecimento vende, profusão de coisas que a tornam antipática de ver, tal é a aglomeração de artigos.

Por esta fisionomia logo se entende que o povo desta capital, se não engeita o figurino da época, o mira e remira sem pressas, ponderando se ele irá bem à sua estética visual. Do que resulta haverem os outros povos abandonado uma fórmula quando este a começa admitindo. É uma evolução lenta mas consciente. Não constroem para se adaptar depois; adapta-se para depois construir. Não corre a decalcar tudo, apressado, pretendendo simular vivacidades de espírito. E de sobreolho carregado, com a desconfiança que é a primeira atitude que o Passado toma para com o Futuro, que ele dissecou tudo, que ele desfibra tudo, pesando prós e contras, e sempre alerta para o fiel da balança.

Por vezes, a patina dos grandes edifícios, mais os públicos que os particulares, favorece a retina de Ramalho Ortigão que os fez

untar de sebo e pós de sapato. Mas é uma aparência pesada que não asfixia as ruas. Um sentido de equilíbrio geral postergou de Londres os prédios descomunais de altura. Nas artérias tortuosas, a casaria é atarracada, nunca lhe roubando o sol. E, sempre que puderam, lá foram aproveitando os socacos da cidade sobranceiros ao Tamisa para os transformar em terrassos, que são outras tantas grandes janelas abertas por onde entra ar e luz.

Adelfi, por exemplo, é um recanto de deliciosa tranquilidade. A dois passos do formigueiro de vidas que é Strand, o contraste é brusco. É tal a sua quietude, tal a solidão-amiga, que ele tem ajudado magnificamente a misantropia de Bernard Shaw, que elegeu o local para sua residência. É um cenário que vai bem às locubrações do cérebro. Árvores, o rio, perspectivas amplas, silêncio. E quando a noite dissolve a silhueta de tudo, rebrilham milhões de luzes que são outros tantos olhos da cidade...

Se enfeixarmos Fleet, uma das ruas que viu crescer Londres, empunhando sempre o sceptro das artes e das letras; Piccadilly que é a sala de espera para ociosos desde o século XVI, Oxford, a City e Hampton Court, por exemplo, com seus palacetes, fica completa a visão de Londres suntuosa, e da quota

de sacrifício que todos os povos lhe devem ter dado. As Ilhas Britânicas, por muito ricas que sejam de solo e sub-solo não poderiam nunca haver construído a urbe que é a sua capital. Amputem-lhe os tentáculos, que ela ainda hoje estende por todo o mundo, e vê-la-emos definhando-se como Lisboa se definhou quando as naus piratas deixaram de fazer estrada para as Índias e Brasis.

Espreita esta parte de Londres, a outra, a do trabalho mal pago, da fome, a Londres de Limehouse, de Whitechapel, de «China Town», a Londres do *dome*, subvencionada, na sua crise de desemprego, com a librasemanal do Governo, metida entre estes dois extremos: aceitar um modo de vida inferior, de salário pouco mais além da subvenção do Governo mas insuficiente para os seus encargos, ou não trabalhar recebendo a subvenção que os habitua à preguiça. São estes bairros que dão os cegos que tocam violinos nos portais das ruas de elegância e grande trânsito, que derreiam, rez-vez os passeios, os pianos realejos já de si roucos, as centenas de homens-sandwiches que calcucriam os bairros centrais, que se postam durante todo um dia em frente dos estabelecimentos que o seu cartaz anuncia, que, boné ao lado para a esmola, desenham a carvão ou pintam a aguarela sobre o cimento dos pas-



Um aspecto da City

tendo ao fundo a Bolsa

seios exteriores dos parques, que vendendo jornais, chamam a nossa indiferença para o placard, colado ao peito, que anuncia um artigo ou uma entrevista sensacional; que solicitam a compra duma caixinha de fósforos à saída dos teatros, escondendo, na sombra, os farrapos dos seus trajos; que disfarçadamente pedincham *dinheiros*, servindo-se de mil pretextos. Dêles saíram as três crianças que aproveitam gulosamente uma réstea de sol, que a sua fome ilude, com calor, para, em plena rua, exibirem uma meia dúzia de tregeitos e cabriolas doentes de alegria, confrangedoras, rôstos e corpitos vermelhos de frio, olhos tristes, olhos quasi lagrimas; dêles vieram estas velhas encarquilhadas e sêcas que cobrem seus cabelos brancos com chapéus dum espantoso ridículo, gargalhando dolorosamente um passado de mediania, e estendendo-nos, com esgares de palhaços velhos num sorriso de dôr, uns raminhos de rosas mui brancas e orquídeas de recorte caprichoso em mãos mirradas, mãos de roubo em crispações de maldição.

São as vítimas dos egoísmos, a quem a guerra prometera justiça. É através dêles, e notando, às centenas, os letrados de liquidação das grandes casas comerciais, que sentimos bem a crise que atravessa o grande comércio inglês. Nem precisamos ler os mais sisudos periódicos, que predicam tôda uma política de atracção dos Domínios, para reconhecermos que a luta de egoísmos trás os povos rez-vez o fracasso, ainda os mais fortes por mais ricos. Reparai que a Inglaterra abdica do seu orgulho de mando consentindo que, em voz alta, já se diga que o Canadá, a Nova Zelândia e os demais povos que ela ergueu, são hoje aqueles que ditam mais ordens à Grande-Bretanha, e menos ordens recebem, é ver todo êste velho mundo que é a Europa, vasto laboratório de fórmulas sociais, vergado e abatido ao péso dos seus próprios interesses, — dos interesses que ela criou e hoje já não pode manejar facilmente.

Mas só um minuto nos podemos encerrar dentro destas considerações. O movimento da cidade absorve-nos. As manchas de cor vermelha dos seus oito mil *buses*, as centenas de pessoas que passam a nosso lado, automóveis, carros deslizando incessantemente sem ruídos que nos irritem, tudo, mulheres e a alucinação do movimento torna vazio o cérebro para que os olhos sejam os únicos órgãos a gosar o espectáculo duma multidão que caminha sem atritos, facilmente, e veículos, muitos, muitos, filas cerradas que se deslocam sem mór embaraço, como se obedecessem todos a uma voz. Precisão igual ainda não víramos. A disciplina nas ruas só pode ter a sua antítese nos congestionamentos dos *boulevards* de Paris com seus embotijamentos e estúpidos ruídos de business e *klaxons*.

Se ostentamos o nosso *Kodak*, como passaporte de estrangeiros, sabido é que a multidão se desviará para não nos estorvar. Assim podemos conseguir facilmente os nossos *clichés*. Em Holborn, ante as velhas casas do estilo da rainha Ana, como em Kingway, onde os rebuscadores da história pretendem localizar a loja que Dickens descreveu no *The Old Curiosity Shop*; na rua de Portugal, com a *Old Public House*; em Trafalgar Square, quando, já ao lusco-fusco do abandono do trabalho, vimos colar um



O característico Oxford Circus

letrado em um dos lados do pedestal do monumento a Nelson, o que, em Portugal, seria inconveniente como acção e audacioso como documento de independência mental:

«Nós exigimos justiça para o ex-inspector Fisher».

É o exemplo de Hyde Park. Faz comício, protestando contra uma resolução do Governo, um colega do inspector demitido. Em linguagem dura clama da sua indignação. «A sindicância feita é um modelo de perfídia, e se todos ficam à mercê das prepotências dêste e daquêle, inverter-se-ão os valores sociais». Ninguém aplaude, mas todos escutam. Vigilante, lá está o *policeman* de tôdas as reuniões, sem política nem sectarismos, indiferente a palavras, pronto, porém, a intervir logo que a ordem pública seja alterada.

O orador não cansa. Faz a história do conflito para que todos possam julgar o caso. Lentamente vêm caindo sobre a cidade os tules da treva. Tenuizam-se, contornos. Súbitamente projecta-se da fachada dum prédio o clarão de incêndio dum grande réclamo luminoso. Acendem-se outros. Arde todo um lado da praça. Um a um, os espectadores do «caso do inspector Fisher» vão-se afastando para se apagarem na sombra que rodeia o outro lado da praça, — o lado da Galeria Nacional e da igreja de S. Martinho. Como se mão oculta os pintasse num segundo, um engenhoso placard eléctrico compõe e muda continuamente os seus cartazes coloridos; uma árvore de fôgo explode para se agruparem, depois, cada uma das suas estrelinhas incandescentes formando o nome dum produto célebre; tem violências de luz africana a fachada dum teatro; um grande transatlântico sulca magestosamente as ondas alterosas dum oceano tempestuoso... Nomes rebrilham; vai desenrolando-se a tira sem-fim dum jornal luminoso.

Londres prepara a sua feérica apoteose. Mais do que em dias de sol, os milhares de lâmpadas do *London Pavillion* derramam sobre Piccadilly-circus uma luz branca, muito branca, irreal, luz de aparições, luz da côr do amanhecer, mas intensa. Estonteia. Fazem-se soturnas as ruas que abrem garganta nesse largo irregular; apagam-se fundos de pórticos para mais sobressaírem do escuro as

suas colunas gregas ou jónicas, grandes feridas da treva. E mal os olhos saciados procuram novos espectáculos, é a multidão que os solicita curiosa, incessantemente, para que a veja sob o aspecto de formigueiro alucinado que sai da sombra para ser tocado de vertigem, circulando junto aos quarteirões das casas, funambulescamente, tocada de inquietação em suas deslocações, remoinhos e bruscas paragens, como para conciliábulos. Sem ruídos os *buses* deslocam-se, grande paquidermes com balastradas sobre o dorso. Vem também da sombra, e mal tocam a linha luminosa, logo a inundação de claridade automatiza as cabeças que vemos espreitarem do alto, como fugindo à vida exasperada que se debate cá em baixo. Voltando precipitadamente o rôsto para o ponto donde a luz irradia, o mesmo cordel as puchou a tôdas.

Tudo se revestiu duma vida diferente. A humanidade já não disfarça seus vícios. A nosso lado passa uma mulher de olhos ingênuos, e mal envia para uma rua, a esta hora escusa pelo deslumbramento dos nossos olhos, logo o nosso demónio íntimo chasqueia que a espera o amante, sem saber de onde ela vem; homens bem enroupados que caminham junto de outros e se perdem através de outros que, por sua vez, se perdem todos, mas todos, fazem parte dum mundo que foge a esconder seus egoísmos e inconfessáveis interesses. O casario ganhou altura contornado a luzeiros sobre o negrume do céu...

Abandonando o nosso ponto de observação, a sombra traga-nos por sua vez. Oblivamos para Regent Street. Aqui, apenas os estabelecimentos projectam a claridade das montas. Voltou a dominar o ritmo cadenciado da cidade. Encontramo-nos connosco próprios; fêz-se silêncio...

...Mas um violino soluça. Quando cairá o braço dêste velho cego que a tôdas as horas encontro neste local? Pretenderá um melhor ganho, ou, quasi doido de sofrimento, evocará no seu violino nostálgico as melodias gratas da sua infância, quando ainda menino, soletrava a música?

TIGRE REAL

por João de Moraes Palmeiro

ilustrado por Carlos Carneiro



Se conservo de Hagenbeck uma recordação duradoura e dificilmente esquecível, não é por causa dos seus animais variados, exóticos, raros até... Não é isso devido somente à excelência do parque zoológico de Stellingen, nem às hordas numerosas de búfalos, aos bandos cómicos de pinguins, nem às focas gigantes que ali admirei...

Hagenbeck anda ligado, mais intimamente, ao meu diário de recordações por um episódio novelesco do seu circo... dêsse circo variadíssimo de animais, com palhaços e acrobatas de mistura com enorme percentagem de leões, ursos brancos, lamas e elefantes, ensinados em alta escola, — que corre mundo a assombrar multidões de província e a divertir os públicos exigentes das cidades...

É verdade. Falando-me em Hagenbeck, recordando-me esse nome, eu penso, como que por instinto, naquele tigre real, majestoso e formoso, de um pêlo abundante em que riscos pretos se casavam harmoniosamente com o vermelho queimado do seu dorso. Era um belo exemplar, arrancado a uma floresta da Índia, que teve, como todos os homens, todos os bichos e tôdas as coisas, a sua história... e uma história, talvez, bastante interessante...

Eramos, naquela ocasião, três portugueses amigos que, numa camaradagem ideal, conseguíamos, uns aos outros, entreter os ócios da vida em terra estranha. Três portugueses que corriam os divertimentos de Hamburgo e acamaradavam excelentemente, procurando, em tudo e por tudo, evocar a pátria distante.

E fomos, êsses três, quem, uma noite, passeando pelos corredores do circo Busch de Hamburgo, chamámos a atenção, — com a nossa fala, os nossos gestos, a nossa vivacidade, — de um homem alto, forte, muito louro, que fumava cachimbo encostado a uma das portas de ingresso para a sala de espectáculos.

— *Son ustedes castellanos?* — perguntou êle, num espanhol quebrado, levando a ponta

dos dedos à aba larga do seu chapéu à *cow-boy*.

— Não... portugueses! — respondi eu em alemão.

— Ah! Portugueses? De Lisboa?

— Sim, de Lisboa...

— Conheço! — tornou êle a modos que entusiasmado — Lisboa... a Praça do Comércio... o Rossio... a Avenida... o Coliseu...

— Esteve lá, então?

E êle, perfilando-se, batendo os calcanhares, saudando num gesto hirto, ao passo que me estendia a mão:

— Henrickson! domador de tigres... ao seu dispor... Trabalhei já por três vezes no Coliseu dos Recreios!

Demo-nos as mãos. Apresentei-me e apresentei os amigos. Depois, seguindo os rituais das praxes alemãs, convidei-o:

— Bebemos uma cerveja?

E êle, sempre amável:

— Obrigado... Mas nunca bebo em antes do meu número...

— Então no intervalo... talvez...

— Impossível! O programa fecha com os meus tigres...

E perdemos minutos a conversar.

Henrickson conhecia os portugueses, admirava a nossa terra, falava com encanto do Coliseu, lembrava-se com saúde das ovações do generoso público português.

— Aqui são económicos com as palmas...

— dizia. E o artista fica sempre reconhecido ao público que o compreende, que o aplaude... E depois animado: Não querem ver os animais?

Acetámos o convite.

Nas trazeiras do edificio, por baixo dos camarins dos artistas, num corredor comprido e relativamente largo, amontoava-se a bicharada.

Quatro elefantes enormes, prêsos, cada qual, por sua pata, balouçavam-se satisfeitos num constante movimento de vai-vem. Junto a êles os *koolies* indios empenhavam-se em

doirar-lhes as patas a purpurina para a hora da representação. Mais adiante dois cavalos brancos de neve, prontos para o primeiro número do programa, ostentavam com garbo os penachos multicores que enfeitavam os seus arreios... e depois, numa sequência variada, quasi que interminável, as focas, os lamas, os camelos, os ursos brancos, os leões...

Cheirava medonhamente mal ali... E o domador apercebendo-se da nossa repugnância:

— Não é *Coty*... lá isso não! E os meus tigres ainda cheiram pior... Mas vale a pena, sabem? Vale a pena porque são, realmente, umas lindas estampas! O *Aly* principalmente, o *Aly* é uma beleza de tigre... é amigo, muito, muito meu amigo. É como se fosse um cão! Lambe-me as mãos, delira que lhe coce a cabeça, conhece-me às léguas!

— Mas só a si, não é verdade? — perguntou do lado um dos meus companheiros.

— Pode dizer-se que sim — respondeu Henrickson. O *Aly* também conhece minha mulher... mas a amizade é toda para mim!

— Sua mulher também trabalha consigo? — perguntei.

— Desde há ano e meio que nós casámos. Ela é russa... Conheci-a durante a guerra quando estive prisioneiro... Casámo-nos, e ela ajuda-me, e com vontade.

Tinhamos chegado, entretanto, quasi que ao fundo do corredor. Havia pouca luz, e a sombra das jaulas, levantadas sobre rodados de caminho de ferro, projectava-se, enorme e lúgubre, em nossa frente.

Henrickson parou:

— Diabo! Então não querem ver que o criado se esqueceu outra vez da recomendação!?

E reparando em nós:

— É que é costume, duas horas antes do espectáculo, acender toda a luz em volta das jaulas para que os animais não adormeçam.

Era evidente a má disposição que o facto nele ocasionára... mas, ainda assim, dominando-se, cortezmente insistiu conosco:

— Enquanto aquele pândego não vem, podemos ver aqui o *Aly*. Ocupa a primeira jaula e não está tanto às escuras.

Efectivamente a primeira das jaulas recebia o clarão de uma lâmpada pendurada do teto do corredor a uma dezena de metros... tanto quanto sufficiente para se ver o tigre majestoso, quando, do escuro do fundo da jaula, se chegava às grades da frente.

Henrickson adiantou-se, estendeu a mão por entre os grossos varões de ferro:

— *Aly*, meu velho! Anda cá *Aly*...

E o tigre aproximou-se, encostou a linda cabeça de fera ao gradeamento, entrou de rurunhar como um gato muito grande que se chega ao dono, e ficou, pacífico, submisso, a saborear, com certeza, as festas que lhe fazia o domador.

— É o mais possante dos dez — explicou Henrickson. Uma patada dêle e bastava para atirar com um homem a terra. Deu-me que fazer para o ensinar... custou-me isso, até, algumas arranhadelas... mas agora faz o que eu mando... Não é *Aly*, meu velho?

Afagou-lhe o focinho, foi até a pontos de lhe puxar uma orelha. Depois retirou a mão, fingiu vir-se embora... e o tigre, de dentro da jaula, roncou despeitado, não deixou de manifestar a sua tristeza enquanto o seu dono se não voltasse de novo e lhe estendesse a mão que êle, como um cão submisso e pacífico, passava a lambar.

— Não passa sem isto. É costume! — explicou o domador. — E agora... eu mostrava-lhes os outros animais, mas está tudo às escuras! O Franz é que sabe onde as luzes se acendem... Também não quero prender os meus amigos, o espectáculo deve estar a principiar...

Mal dissera estas palavras, quando appareceu alguém correndo. Era o criado.



Não me farto de o recomendar e, já há oito dias seguidos, que isto acontece: está tudo às escuras ao pé dos meus animais...

Pedi licença, distanciou-se, partiu para onde tínhamos vindo, procurando alguém.

— E quando voltou, vinha nervoso e aborrecido:

— Pode-se lá ter confiança no pessoal! O Franz bem sabe que eu não gosto que me abandone os tigres a esta hora! Ainda hoje de tarde lho recomendei... mas, não querem acreditar, que me disseram que tinha ido beber para o restaurante?

Henrickson entrou de ralhár. Que era um abuso, uma pouca vergonha, um desleixo! Que o Franz bem sabia qual era a sua obrigação! Que não deveria ter abandonado os tigres à hora do espectáculo! Enfim, uma descompostura em regra em que abundavam os mais variados palavões do dialecto hamburguês.

Franz pareceu ouvir até ao fim. Depois atreven-se:

— Senhor! A culpa não é minha. Eu não deixei os animais sós. Foi a senhora que me mandou embora e que me deu dinheiro

para a cerveja... Já há perto duma semana que é assim... Aparece aqui, diz-me que vá tomar ar... ordena que vá... e eu obedeço... As luzes estavam todas acêsas quando daqui saí...

Henrickson encarou Franz mal humorado:

— Que dizes para aí?

— A verdade, patrão...

— Como a verdade? Então se fosse minha mulher que ficasse aqui, convencias-te que ela deixava assim os animais às escuras, sem água, sem comida? Se fosse a senhora...

Franz teve um riso amarelo.

— De que ris? Descarado!

O outro encolheu os ombros desdenhosamente:

— É que há coisas engraçadas nesta vida! — comentou, com certo descaído, com certo desprezo.

Henrickson cresceu para êle:

— Mais respeito! Ouviste! — e o cavalo marinho zuniu no ar, parou no último momento quando nós, os outros, testemunhas involuntárias da scena, iam a apostar que o Franz levaria a sua conta bem contada.

— Que culpa tenho eu que o patrão não acredite!

— Como queres que eu acredite em tal disparate!

— Se anda cego!

Henrickson tremeu. Uma onda de sangue subiu-lhe à face:

— Estás bebado?

E um murro formidável caíu em pleno nariz de Franz.

Este vacilou, pareceu quasi cair...

Depois endireitou-se, segurando com uma das mãos a cara no sítio em que fôra atingido:

— É que o patrão... o patrão... ainda não... não sabe... — gaguejou.

Henrickson pegou-lhe pelo casaco, abanou-o:

— Que é que eu não sei?

— Não sabe... não sabe... o que eu sei!

— A saber o que é?

— Deixe-me então! — pediu Franz.

E quando Henrickson o largou:

— A senhora... e o acrobata do trapézio!

— Que tem?

— Ali... ali atrás da última das jaulas...

tôdas as noites, ali...

Henrickson olhou na direcção apontada. Estava tudo mergulhado em trevas, mal se adivinhavam os contornos da última jaula de tigres...

— Tu falas verdade? Prova-o, ou... — e o gesto que acompanhara estas palavras era brutal.

E o Franz, mais refeito do duro golpe, procurou nas proximidades o interruptor da luz que êle instalára em local só dêle conhecido... deu-lhe volta... e o recinto foi inundado, repentinamente, por uma forte claridade...

Nas jaulas sentiu-se movimento, viram-se os animais, que na maioria estavam deitados, espreguiçarem-se, começarem correndo de um lado para o outro...

E aos olhos de todos, no fim das jaulas, surpreendidos, alarmados... dois vultos que appareceram correndo...

Era uma mulher ainda nova, bonita... e um homem elegante, bem parecido. Na face de ambos desenhava-se eloquentemente a grande surpresa... e ela ainda gritara:

— Quem acendeu a luz?

Henrickson dirigiu-se-lhe:

— Que fazias aí?

— Ah! és tu!...

— Que fazias? Responde?

— Nada... nada... que havia eu de fazer?

— E esse homem então?

Indeciso, muito côrado, o outro não se atrevia a mecher-se de onde estava.

E Henrickson veio com a mulher até onde

nós estávamos. Parou, e sem lhe largar o braço que prendera fortemente entre uma das suas mãos:

—Dize! É verdade o que o Franz disse? É verdade que já há perto de uma semana... tôdas as noites... tu e êsse homem?

E insistia nas perguntas sem lograr resposta que o satisfizesse. E tanto insistiu e tanto martirizou, que a mulher, a seus pés, murmurou:

—É... é verdade... mas deixa-me! Deixa-me!

Mas como êle a não deixasse, como continuasse a falar-lhe, como passasse a dizer-lhe coisas incompreensíveis para nós numa língua que deveria ser o russo, ela pareceu juntar tôdas as suas forças, levantou-se de um pulo, conseguiu libertar-se das suas mãos, gritou:

—Deixa-me! Deixa-me!... Não quero mais! Estou farta... Vou-me embora!

E dizia-lhe na cara todo o seu profundo rancor, todo o seu ódio... e dispunha-se a partir dali, a fugir.

Mas Henrickson alcançou-a de um pulo:

—Não!—disse com voz muito sentida.—Ficas! Tu ficas! Sou eu que te ordeno: fica!... Se fôsse há uns meses, que fôsses com Deus... Mas agora: ficas! Ficas por causa do teu filho que eu não quero desgraçado! Ouviste? É por causa do teu filho! Únicamente por causa dêsse inocente... Senão deixava-te ir... Que fôsses para o inferno... que me importava eu! Mas temos um filho, e o nosso filho precisa de uma mãe, e eu quero que o nosso filho seja um homem e não se tenha que envergonhar dos seus pais!... Vai para o camarim. Espera-me lá... Podes ir arranjando-te para a representação... mas toma cuidado comigo! A menor tentativa de tua parte... sou capaz de dar cabo de ti assim só de uma patada... aqui como o *Aly*...

A mulher encolheu os ombros:

—Como o *Aly*? Tem graça! O *Aly* não me faz mal...

E ao encaminhar-se para o camarim chegou-se junto à jaula do tigre, estendeu a mão em gesto de afago...

Mas o animal pareceu não querer tomar a carícia a bem. Saltou de encontro às grades, de dentes arreganhados, furioso... Se a mulher não tira a mão a tempo...

Ante o nosso espanto, ela demorou-se, segundos, olhando o tigre enfurecido, depois largou a correr... e sentiu-se a porta do camarim que se fechava com estrondo.

Henrickson que olhara tôda a scena com uma extraordinária fleugma, voltou-se, de repente, para o outro homem que permanecia a distância, indeciso, entre as jaulas dos tigres:

—E vocemecê lá! Pst, ó seu fantoche! Pode passar... Passe, e vá-se à sua vida... Mas mais juizinho... mais juizinho... que, não fôsses estar aqui êstes cavalheiros, eu bem sabia o que lhe fazia!... Mas não mais perde, seu cobarde, seu canalha! Quási que um irracional dêstes — e apontava para o tigre *Aly* — tem mais coração e uma alma mais dedicada às pessoas do que um titere como você... Vamos: fuja, desapareça... enquanto é tempo...

E o outro passou, muito cosido com a parede, muito pequenino, muito insignificante... que chegava a confundir, nem sei bem, se dô, se repulsa...

Henrickson deixou-o passar. Teve um gesto que tanta podia ser de asto, como de ânsia em esfrangalhar entre as suas mãos o corpo daquele homem. Depois sorriu, voltou-se para nós:

—Os meus amigos desculpem! Mas vá lá um homem saber para o que está destinado... Foi pena, bem sei, tôda esta scena, e scena

bem pouco edificante, bem triste para quem, como os senhores, podia lá dentro estar a assistir a um espectáculo mais alegre! Mas que querem! A vida tem disto... e a vida de circo, principalmente, é bastante variada como viram! Desculpem, pois; mas se advinhasse... não era eu que os tinha convidado a ver os meus tigres...

Despedimo-nos à pressa. Qual de nós mais ansioso de escapar a futuras complicações daquela ocorrência de que fomos testemunhas bem contra vontade... E, a caminho dos nossos lugares no circo, iamso pasmando daquele homem estranho que lidava com tigres, mas que domava de tal maneira os ímpetos do seu temperamento exaltado, que se sabia conduzir de tal forma em face das surpresas insidiosas da sua vida, que parecia um domador a domar a ferocidade do seu outro eu humano, com a mesma certeza e mestria com que mandava aos seus dez tigres fazer as sortes mais variadas.

Alcançámos os nossos lugares no vasto circo.

E assistimos, quási que indiferentes, ao desenrolar do programa...

Eu tinha os nervos excitados, ardia num nervosismo que me dispunha mal... e nem os ursos brancos, nem as focas, nem o *bolide-humano*, nem os elefantes... muito menos os palhaços... lograram distrair o curso das minhas ideias da scena que, havia pouco, presenciára.

Julgo que os meus companheiros estariam em idêntico estado de espirito, pois nenhum dêles se atreveu a dizer palavra...

E quando, ao fim da primeira parte, o *regisseur*, imponente na sua casaca, avançou até ao centro da arena e anunciou em voz muito pausada:

—Respeitável público! Por motivo de doença súbita o acrobata Manfred não pode comparecer no espectáculo...

...nós, os três, entreolhamo-nos significativamente. Mas também nenhum de nós se aventurou a fazer um comentário ou uma previsão que fôsse:

Começou a segunda parte.

Número atrás de número, como que numa lentidão torturante...

Finalmente... Finalmente — digo — como naquela noite — respirei mais satisfeito.

Finalmente, desceu da cúpula a jaula circular de altas grades de ferro. Baixou sobre ela a rede que tornaria ainda mais impossível a fuga das feras...

Pelo corredor de entrada à pista, armaram a passagem, baixa, e tôda engradada, por onde os tigres haviam de entrar...

Tôda a indumentária pesada, e garridamente colorida, de bancos, balouços, arcos e estrados, sobre os quais os animais deveriam fazer os seus variados exercícios, foi disposta dentro da jaula.

Depois houve um minuto de espera... Longo, e enervante... ao cabo do qual, novamente o *regisseur* apareceu:

—Minhas senhoras e meus senhores! Apresento-vos Henrickson! O notável domador de tigres Henrickson e sua esposa, com a sua colecção de tigres de Bengala! Entre êles *Aly*, o tigre mais formoso e mais possante...

Olhei para a entrada dos artistas.

Lá estava Henrickson envergando o seu fardamento vermelho agalado com muitos dourados, botões, galões e cordões dourados. Altas botas de couro. No cinturão uma pistola; entre mãos, os clássicos chicote e forqueta do domador. A seu lado, idênticamente trajada, a mulher.

Falavam baixo. Pareciam conversar...

Mas eu bem surpreendi umas atitudes de indiferença dela que despertaram no homem

olhares imperativos... mas, confesso, que não fôsse eu conhecedor do que se passava, como todo o resto do público, isso, de forma alguma, se teria tornado reparado para mim.

Entraram, por fim, homem e mulher na jaula. Recebidos com palmas, com música. Êle inclinou-se, agradeceu numa vénia muito distinta, muito particular...

Ela levou as pontas dos dedos aos lábios e fêz menção de distribuir pela assistência



beijos... e sorria, sorria, ou esforçava-se por sorrir, porque os olhos inchados e vermelhos atestavam que se passava o contrário no seu íntimo...

E começou o número...

—*Hep! Sultão!* Para aqui... *Pachá*, salta!

E os animais começaram a obedecer às ordens do domador que quási se servia sômente do olhar e de gestos para os obrigá a fazer o que queria...

Não o vi empunhar uma única vez o chicote. Permanecia com êle na mão, caído ao longo dos calções...

—Vá Diana, para o meio...

E apresentava ao animal o arco:

—Salta! *Hep!*

E as palmas reboavam por todo o circo.

Um sujeito calvo que se sentava ao meu lado disse a certa altura:

—Com esta é a terceira vez que vejo trabalhar o Henrickson!... Mas nunca êle trabalhou tão bem como esta noite!

E dava palmas de entusiasmo.

Realmente, a assistência estava eletrizada pelo trabalho daquele homem que fazia de dez tigres enormes o que mais lhe apetecia...

E, confesso, eu cheguei a olvidar tudo quanto se tinha passado, tôda aquela scena desagradável... Como o resto do público, eu tinha o olhar preso na pista...

Ao cabo de uns tantos exercícios, todos êles arrojados, e terminada uma delirante ovação, houve uns segundos de intervalo.

O domador e a sua mulher dispunham de certa maneira os bancos dentro da jaula...

E o cavalheiro calvo ao meu lado:

— Agora é o mais bonito... É o final. Os animais formam uma pirâmide e êle salta para cima daquele que fica mais alto...

Henrickson, entretanto, acabara os preparativos. Os bancos estavam dispostos, simetricamente, de cada lado, de forma a fornecerem como que uma escada no meio da qual se destacava um banco mais alto destinado, certamente, para o animal sôbre cujo dorso êle se collocaria como havia anunciado o sujeito calvo a meu lado.

E começou a chamada dos tigres:

— Sultão!... Pachá!... Diana!... Ganges!

E os animais, obedientes, que tomavam os seus lugares até que só faltava ainda o *Aly*, — o lindo tigre que eu admirára, muito de perto, com espanto e com certo respeito.

Henrickson fêz uma vénia ao público, subiu lesto acima do banco mais alto e ficou como que aguardando a chegada ali do tigre. Depois, um breve sinal à mulher, e ela que pega no chicote, avança para o tigre, faz estalar o chicote perto do animal:

— Vamos, *Aly*... Hep!

Mas o animal não se mecheu. Estava sentado sôbre as patas de traz e olhava digno em sua frente.

Ela repetiu a ordem:

— *Allez! Hep!*...

O tigre não se mecheu...

E como ela insistisse e o animal não se mechesse, levantou o chicote, desfechou o golpe sôbre o dorso do tigre:

— *Ally! Vamos!*...

O pêlo do tigre encrespou-se. Com uma das patas dianteiras repeliu o chicote, e arreganhou furiosamente os dentes...

Henrickson pareceu dizer qualquer coisa à mulher. Viu-se esta encolher desdenhosamente os ombros, avançar para a fera, de chicote levantado, a bater, a bater...

Depois — aquilo foi inesperado, repentino, torna-se quási que impossível de descrever — o tigre deu um salto, caiu sôbre a mulher, e ambos, rolando, formaram um corpo a corpo no chão...

O público levantou-se em massa... Senhoras gritaram e desmaiaram... Homens aconselharam prudência... O momento foi único, gravou-se-me para sempre na memória...

E vai que, de um salto, Henrickson desce de onde se encontrava, manda os outros animais para os seus lugares ao fundo da jaula, corre para onde a mulher lutava desesperadamente com o tigre.

Este tinha-a sujeita entre as patas dianteiras, parecia um gato enorme a brincar com um ratinho frágil e insignificante... e os seus dentes mostravam-se ponteagudos e temíveis entre as fauces abertas, cada vez mais próximas da cara da mulher...

Henrickson hesitou obra de uma fracção mínima de segundo... Depois levou a mão ao cinturão, desfechou a pistola mesmo junto à cabeça do animal...

O tiro partiu sêco, acordando os êcos da cúpula do circo, no meio de um silêncio enorme que se fizera no momento em que o homem interviria.

A bala acertára em cheio... fôra fulmi-

nante... e o animal caíra para o lado banhado em sangue.

Henrickson ajudou a mulher a levantar-se, ageitou-lhe os cabelos em desalinho...

Depois, mandou que abrissem a porta aos outros tigres, mandou-os para fora da jaula grande... voltou ansioso para junto da mulher que ficára cabisbaixa no meio da pista, no meio da jaula de grades altas...

E quando ela levantou o olhar e encontrou o dêle, e se sentiu como que impediada para os braços daquele homem forte e enorme, as palmas irromperam de todos os lados, e os espectadores pareciam não querer abandonar os seus lugares e aplaudiam, aplaudiam...

Nós, os três amigos, entreolhamo-nos. E que tínhamos sido nós, com certeza, os únicos a avaliar do verdadeiro significado daquela tragédia e sentíramos um enorme calafrio ao vermos a mulher por terra, prês do animal, e o homem com um sangue frio extraordinário a olhar, por segundos, aquela luta desigual... E respirámos aliviados, e avaliámos então, e muito melhor ainda o que era o carácter e o coração daquele homem cuja profissão era lidar com feras...

E ali os tínhamos em nossa frente, homem e mulher, abraçados no meio da jaula a olhar um para o outro. O público sempre impressionável com lances desta natureza, comovido no seu sentimentalismo, dava palmas, e palmas e mais palmas ainda... e o tigre majestoso jazia numa poça de sangue mesmo aos pés dos esposos reconciliados.

A saída, só ouvia em minha volta falar no acontecimento. O público recolhia a casa orgulhoso de haver presenciado qualquer coisa de verdadeiramente sensacional.

— Foi a representação mais memorável do circo Hagenbeck... — disse uma voz atrás de mim.

Não sei se assim foi. O que assevero é que, quando me falamos eu penso em Hagenbeck, forçosamente me hei-de lembrar do Henrickson e dos seus tigres... e muito principalmente daquele animal, belo e nobre, que dava pelo nome de *Aly*, e era um verdadeiro tigre real!

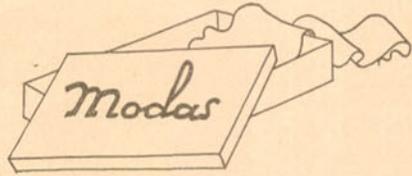


OS NOSSOS HUMORISTAS

A ocasião faz o ladrão...

(POR JOSÉ DE ALMADA NEGREIROS)





À ESQUERDA — ORIGINAL PIJAMA EM CREPE DA CHINA BRANCO E CREPE ESTAMPADO EM BRANCO E NEGRO, GRANDES DESENHOS MODERNOS. CONJUNTO ELEGANTÍSSIMO

(Foto Bruno Winterfeld)

NO CENTRO DA PÁGINA:—DOIS LINDOS CASACOS DE ASTRAKAN, UM COM GOLA E CANHÕES DE «PETIT-GRIS», OUTRO COM «VISION», A GRANDE MODA DA ESTAÇÃO. CHAPELINHOS DE VELUDO GRACIOSOS E DUAS LINDAS MODELOS PARISIENSES

(Foto Bruno Winterfeld)



À ESQUERDA: — UM SUMPTUOSO CASACO QUE VALE UMA CONTA CALADA, USADO POR ANITA PAGE, A FULGURANTE «ESTRÉLA» AMERICANA. A GOLA É EM RAPOSA NEGRA DO CANADÁ, E O RESTO EM «SKUNGS» DO TIBET, A PELE MAIS CARA DA ACTUALIDADE

(Foto M. G. M.)

À DIREITA:—VESTIDO DE NOITE EM CRÉPE CÔR DE LIMÃO, DE ORIGINAL CORTE, FIVELA DE PEDRARIA, LUVAS DE «SUÊDE» BRANCA, COLAR AMARELO E NEGRO

(Foto Bruno Winterfeld)



ORIGINALÍSSIMA JAQUETA MODERNA EM ARMINHO, FECHANDO NA CINTA COM UMA FITA ENTRANÇADA PRETA E NO PES-



COÇO COM UMA FAIXA DA MESMA PELE. LUVAS DE FANTASIA, BRANCAS E PRETAS, ASSIM COMO A MALA



MARAVILHOSO MODELO PARISIENSE DE GRANDE «TOILETTE», EM VELUDO NEGRO FORRADO DE SEDA. CORTE APANHADO NA CINTA, ATRÁS FORMANDO «GODETS». DECOTE REMATADO NAS COSTAS COM FIVELA DE PEDRAS



À ESQUERDA — VESTIDO DE CREPE «GEORGETTE» BRANCO E JAQUETA DE ABRIGO EM VELUDO BRANCO, FECHANDO EM LAÇO NO PESCOÇO E COM GRANDES CANHÕES DE VELUDO NEGRO, EM FRANZIDOS

(Fotos transmitidas por Orrios)

O REI VAGABUNDO

(The Vagabond King)

A GRANDE MARCA «PARAMOUNT» VAI APRESENTAR, EM BREVES DIAS, NO ARISTOCRÁTICO TIVOLI, DE LISBOA, UM DOS MAIS EXTRAORDINÁRIOS FILMES DESTA ÉPOCA, A GRANDIOSA EPOPEIA LÍRICA, 100 % TECNICOLOR, FALADA E CANTADA, «O REI VAGABUNDO» (THE VAGABOND KING) E QUE É, NEM MAIS NEM MENOS, DO QUE UMA GENIAL REALIZAÇÃO DO MESTRE ALEMÃO LUDVIG BERGER, IMPREGNADA DUM PROFUNDO ROMANTISMO E ENSCENADA COM UMA OPULÊNCIA SEM IGUAL, APRESENTANDO, POR VEZES, FIGURAÇÕES DE MAIS DE 5.000 PERSONAGENS, RICAMENTE VESTIDOS. NESTE FILME ESPANTOSO, EM QUE O TECNICOLOR FOI LEVADO A UM GRAU DE PERFEIÇÃO AINDA NÃO ATINGIDO NA CINEMATOGRAFIA MODERNA, APARECE UM NOVO ASTRÔ DA TELA, DENIS KING, NO PROTAGONISTA, EM QUE LOGRA UMA CRIAÇÃO ESTUPENDA COMO ACTOR E CANTOR, E NOUTROS PAPÉIS TORNAREMOS A VER, ALÉM DA FORMOSÍSSIMA JEANNETTE MAC DONALD, DA VOZ DE OIRO, LILIAN ROTH, O. H. HEGGIE, E O CÍNICO WALTER OLAND. «O REI VAGABUNDO», QUE TEM SIDO O ÚLTIMO GRANDE ÊXITO EM TÓDAS AS CAPITAIS EUROPEIAS, DEPOIS DE PERCORRER, TRIUNFALMENTE, AS DUAS AMÉRICAS, ESTÁ, ACTUALMENTE, EM EXIBIÇÃO EM PARIS, E VAI, DECERTO, OBTER EM LISBOA O MAIS FORMIDÁVEL DE TODOS OS SUCESSOS.





**As
grandes
artistas
estran-
geiras**



PRELÚDIOS DE UMA ENTREVISTA — O GRANDE «RESTAURANT» KEMPINSKI — EM CASA DE UMA «ESTRELA» DE CINEMA — UM CATALÃO IMPERTINENTE — «UM CONTRASENHO OBRIGAR SOMBRAS A FALAR...» — «FAZER TEATRO, EM CINEMA É UM ABSURDO» — PORQUE AGRADAM EM LISBOA OS FILMES DE OPERETAS — OPINIÕES DA GRANDE ARTISTA CINEMATOGRAFICA OLGA TSCHECOWA — UM «TALBOT» QUE ESCAPA MILAGROSAMENTE A UM CHOQUE

LISBOETA! Tu que não conheces o maior restaurante além do *Leão de Ouro* não podes supôr o que seja o *Kempinski*. Imagina: um enorme edificio de quatro andares com salas sucessivas onde são servidas as mais variadas e extraordinárias especialidades... Centenas de pessoas, para não dizer milhares, almoçam ali, servidas simultaneamente por *Herrn Ober* loiros e impertigados, numa azáfama constante.

Descemos as escadarias do grande restaurante e tomamos um *taxi* para nos conduzir a casa de Olga Tschechowa.

A tarde está nebulosa e húmida. Faz frio, um frio que os fortes abafos não conseguem dissimular. Passamos pela Postdamer

Platz; atrás de nós ergue-se já magestosa a fachada gigantesca do *Esplanade*; entramos agora no *Tiergarten*...

A criada que veio ao nosso chamamento conduz-nos ao primeiro andar e faz-nos entrar para uma elegante salinha.

Talvez, intimamente, eu agradecesse a demora de Olga. Aquela salinha despertou-me atenção e curiosidade. Tinha uma estante com livros, tinha fotografias e eu... devia sentir desejos de ver tudo um pouco minuciosamente. Num dos cantos está uma fotografia que me chama particularmente a atenção: é a da filha da grande artista cinematográfica; é linda, tão formosa como sua





Olga Tschechowa, numa das suas grandes expressões dramáticas

mãe. Mais retratos, mais uma dedicatória afectuosa e mais uma recordação.

Dentro da estante, livros de autores célebres e sobre ela uma interessante colecção de barros rústicos, napolitanos.

E aquela salinha tem um não sei quê de agradável e de arte aliado a um senso prático e cómodo da vida, atrai-me.

Edith Hamann e Olga dirigem-se certamente para onde eu estou. Distingo já claramente as suas vozes.

A ilustre redactora principal da «Film Woche» é a primeira a entrar e faz as apresentações.

Olga Tschechowa e eu olhamos um para o outro como que a examinarmo-nos mutuamente; a procurar, talvez, descobrir num relance, os pensamentos...

Por fim, a principal interprete do «Hellen Willfüer» quebra o silêncio:

—Português?!... Há dias esteve aqui um catalão... Tantos elogios fêz a Barcelona e tantos hinos cantou de Espanha, muito principalmente da Catalunha, que me levou a dizer-lhe que, sim senhor, tinha muita razão, que tudo quanto êle dizia era verdade, e que eu admirava extraordinariamente os... portugueses!

«Não pense você que eu não sei geografia — prossegue Olga sorrindo deliciosamente — sei e compreendo a «gaffe» que cometi mas — que quere? — estava já cançada de

ouvir tantos elogios a uma terra que desconheço e que deve ter, como tôdas as outras, paisagens formosíssimas e recantos detestáveis...

Foi pior a emenda que o soneto. O nosso catalão redobrou de louvores a Barcelona, a mais bela das cidades mediterrâneas, segundo a sua opinião!

Aproveito o ensejo para lhe responder, visto tomar como uma prevenção o que lhe acabava de ouvir:

— Sossegue! De mim, de mais a mais prevenido, não ouvirá nenhuma preleção acerca do meu país... Antes lhe peço o elogio das «steppes»...

— *Gut pariert!*... — atalha Edith, rindo.

A minha entrevista com Olga tinha um principal objectivo: saber a sua opinião sobre o discutidíssimo tema dos filmes sonoros.

Abordou por isso e imediatamente o assunto: — O que pensa do filme sonoro, visto que vai trabalhar num filme inglês cem por cento colorido e cem por cento sonoro?

A resposta não se fêz esperar:

— Quási todos com quem tenho falado a êsse respeito ou são fervorosos admiradores dessa nova modalidade do cinema ou inimigos irreductíveis. Com dificuldade se encontra alguém que, imparcialmente, reconheça, simultaneamente, as vantagens — digamos assim — e os inconvenientes do sonoro. O

sonoro é bom e mau. Sob o ponto de vista artístico é, por enquanto, mau. A reprodução do som ainda está longe de ser absolutamente perfeita. Existem êrros de técnica e audição que só uma longa experiência eliminará. O principal defeito do sonoro, tal como êle nos é hoje apresentado, consiste em ser mau teatro e, conseqüentemente, mau cinema. Não sei se todos pensam assim, mas a impressão que tenho é a de que o cinema internacional entrou numa fase de catalépsia. Um dia virá em que êle desperte dêsse sono em que está mergulhado devido aos mais variados interesses que vão desde a ambição do progresso até à comercial. Bem deve compreender que é um verdadeiro contrasenso obrigar sombras a falar...

— ...deformando as vozes... — atalhámos.

— ...e causando ao espectador as maiores decepções — prossegue a encantadora Olga. «Uma das mais queridas artistas do filme germânico desempenhou, há pouco, o papel de uma princesa. A sua figurinha graciosa e o donaire do seu porte prestavam-se, fotograficamente, muitíssimo bem ao desempenho dêsse papel, mas... fonograficamente «quel malheur!» A sua voz não corresponde absolutamente nada ao seu físico: é dura, áspera e assemelha-se mais à de uma «coupletista» de «cabaret» do que à de uma princesa. Essa desarmonia, no palco, no teatro, quási passava despercebida — mas no cinema

sonoro os aparelhos aumentando a sdeformações, dão-nos um espectáculo bem pouco agradável sob este ponto de vista de desarmónia, porque a tornam mais flagrante. Além disso, sendo o cinema uma irrealdade que, em nossa mente, se aproxima do real, não admite o mesmo que se pode fazer no teatro.

«Não sei se se recorda de algumas peças teatrais, relativamente antigas, com extensos e fastidiosos monólogos?!... O monólogo é um contrasenso... Pois bem; essa tirada, que nada explica no teatro, é preferível ao diálogo no cinema...

«Não lhe dou novidade nenhuma dizendo-lhe que o teatro vive exclusivamente da palavra e da voz. O gesto e a expressão são seus complementos. No cinema, era o



Avoga crescente da radiofonia e a iminência da televisão prática não fizeram senão depurar a fonografia do escalracho de maus discos. Acabou-se a venda a granel de gravações imperfeitas ou anti-quadas. Só discos perfeitos podem fornecer reproduções que nos não façam lembrar com saúde as boas audições de T. S. F. ou as boas películas sonoras. Das últimas gravações que nos visitam, uma das mais notáveis é a de *Parlophon*, a grande marca alemã. Discos perfeitos. A ortofonia é perfeita e a qualidade do som é magnífica. Assim, em gravações portuguesas, canções e fados de Alexandre de Rêsende devem satisfazer os mais exigentes. A voz pastosa e o sentimento do cantor que foi notável no seu tempo de Coimbra, são respeitadas magnificamente. Perfeitos em absoluto os Fados *Triste e Da Luz* que constituem um disco excelente. Também a perfeita artista Helena Alão gravou para *Parlophon* um disco (*Desalento*, de Júlio Moutinho e *As papoilas*, de Sarti) em que a delicadeza da voz e dos trechos se irmanam deliciosamente, respitados ambos pela gravação nítida e precisa.

A mesma marca alemã apresenta o grande

pianista prof. Pembauer e fá-lo com todo o requinte merecido pelo genial concertista que, em especial no *Prelúdio*, de Chopin e *Murmúrios da Floresta*, de Liszt, alcança transcendências formidáveis aliadas a um sentimento musical perfeito, uma sonoridade magnífica e fina compreensão das peças executadas. Aqui, os processos modernos de gravação adoptados na Alemanha chegam a produzir a alucinante confusão com o som verdadeiro do piano-forte, dando azo a que os mínimos detalhes sejam respeitadas. Ainda o prof. Joseph Pembauer, tocando com a orquestra do dr. Weissmann, o transcendente 2.º *concerto*, de Liszt, põe à prova os seus maravilhosos dotes de solista e os méritos do grupo orquestral bem como a extraordinária pureza da gravação, constituindo,



Olga Tschechowa



Alexandre de Rêsende

inverso: precisava absolutamente d'elles. Como seu complemento, quando estritamente necessárias, utilizavam-se as legendas. Hoje pretende-se fazer teatro em cinema... É um absurdo.

—...que equivale a metermos o Kurfuerstendamm na Postdamer Platz...

—A voz, no cinema, deve ser, quando muito, um complemento da acção. Imagina uma scena extraordinariamente dramática; se fôr apresentada num filme mudo terá ocasião de vêr muitos espectadores com os olhos marejados de lágrimas, mas se isso acontecer no sonoro verá, quando muito, alguns rostos contristados, e para este caso tenho que abstrair os defitos da reprodução de voz e convencer-me de que a representação e o diálogo são inexcedíveis. No filme mudo, numa scena dramática, de harmonia com a representação, instintivamente nós idealizamos um diálogo mais ou menos sentimental segundo o nosso temperamento; no sonoro, êsse diálogo, fulcro principal da acção, corta-nos cerce qualquer ideia que possamos fazer no nosso espirito...

—É, nesse caso, contra o sonoro?! Pergunto, com interêsse na resposta.

—Não, senhor. O que digo é que êle, por enquanto, está muito longe de satisfazer o nosso senso artistico.

Quando, um dia mais tarde, tiver passado esta desorientação e se produzir cinema, alguma coisa deve ter ficado do sonoro — os ruídos, sons naturais, os próprios diálogos, mas êstes só como complemento da acção — para substituir as legendas...

—E o que pensa da opereta, em cinema?

—Você que já as viu em cinema e teatro, quais prefere?

—Do teatro...

—Em cinema ela só pode triunfar nos países onde não haja êsse género de teatro.

E... sem querer eu lembrei-me de Lisboa, onde não há uma só Companhia de Opereta, razão porque tanto agradaram as operetas cinematográficas «Rio Rita», «Parada do Amor», etc., etc., que certamente caíam se o nosso público não estivesse ávido d'esse género de espectáculos, d'esse luxuoso e rico género de espectáculo tão vulgar no estrangeiro...

—Qual foi o meu filme que mais agradou em Portugal? — indaga Olga, com interêsse.

—Dois, principalmente: «Inferno de Amor» e «Moulin Rouge», salvo o êrro.

—Do seu país recebo milhares de cartas. Gostava de visitar Portugal. Tenho ouvido dizer d'êle maravilhas...

Era o ponto final da entrevista. Despeço-me; Olga, que vai também sair, amavelmente oferece-me o seu carro.

Minutos depois rodavamos na Fantzien Strasse... Tenho agora a impressão de que faz mais frio... uma chuva impertinente e miudinha cai com insistência.

assim, esta série de três discos, uma notável obra de reprodução mecânica da música.

PICK UP

O «Talbot» de Olga, indiferente ao tempo, vai rodando, rodando sempre.

Olga Tschechowa é uma deliciosa artista e um óptimo volante.

Um acaso, que por milagre não foi fatal, pôs à prova a sua perícia e o seu sangue frio.

Na esquina de uma rua surge, em sentido contrário áquele em que nós iamos, um gigantesco camion. O choque é visível e eminente. Olga não tem, certamente, tempo de o evitar. Cerro os olhos para não vêr as consequências. Segundos que parecem horas! O camion passa rez-vez ao nosso carro. A perícia de Olga salvára-nos de um certo e grave desastre. Uns milímetros mais e... pronto. «Tout fini».

Chegara à Kurfuerstendamm. Despedi-me de Olga, agradecido. O «Talbot», ante os olhares bisbilhoteiros das raparigas do «Robert's», recomeça a sua marcha levando dentro uma mulher bonita...

E... no «Robert's», que estava ali a tentar-me com as suas americanices, entrei pensando na inteligência de Olga, na sua arte, na sua formosura e... na sua genial perícia.

Se não fôsse ela onde estaríamos nós, a esta hora, depois daquela quasi inevitável choque em plena capital do Reich?!...

A DIREITA — Jessie Mathews na célebre peça *Wake Up and Dream*, que se conserva no London Pavilion, de Londres, há dois anos consecutivos

EM BAIXO — A orquestra feminina de Jeanne Evrard, que toca no salão Pleyel, de Paris, com o maior sucesso

(Fotos Orrios)



dramático do século de Shakespeare vêm, de novo, à luz da ribalta, horas de triunfo absoluto.

Em Espanha, aqui ao lado, a célebre farsa *Volpone*, de Ben Jonson, obteve um grande êxito de público e fizeram-se dela três adaptações: a de Benjamim Jarnés, a de Artemio Precioso e a de Luís Araquistain, sem dúvida a melhor, originando o caso polémica de vulto. Margarida Xirgú põe em scena os autos sacramentais do século de Ouro espanhol e a sua reposição de *El gran teatro del mundo*, de Calderón de La Barca, marcou como um duplo triunfo, artístico e comercial. Esta mesma excelsa artista, com o seu acesor literário, o inquieto e talentoso Rivas Cherrif, organiza *matinées* de teatro avançado, para raros, apenas, mas de tal maneira o fazem, que *La Zapatera prodigiosa*, de Garcia Lorca, revelada num dos espectáculos, passou ao cartaz ordinário do teatro, obtendo o triunfo, também, junto do público.

Por este torrão bem amado, ninguém ainda ousou tanto, e o orgulho dos actores e atrizes chefes de companhia ainda lhes não



de simples «divertissement», mas a que o sentido estético da realização confere qualidade de obras de arte. Audições musicais, como as da orquestra feminina de Jeanne Evrard, enchem as salas mais vastas, operetas deliciosas de revivescência romântica, fazem as delícias das grandes massas populares, as grandes obras primas do engenho



Uma scena de *Volpone*, a célebre farsa de Ben Jonson, tal como foi representada em Madrid, na adaptação de Benjamim Jarnés

(Foto Orrios.)

Por tôda a parte, ao mesmo tempo que, em Portugal, a preferência das empresas vai para os géneros mais discutíveis de teatro, fazendo com que pulule a brotoeja das revistas sem sal ou com demasiada pimenta e o escalracho da farsa acanhada e sem sentido comum, pelos países que caminham à frente do movimento teatral europeu, vão tendo foros de sucesso os novos espectáculos de arte pura ou aqueles espectáculos



deixou vêr a necessidade de ter acesores literários de mérito e de romper, de vez, com esse falsíssimo preconceito de que « público não quer dessas coisas! »

*
*
*

Este falso temor do público não tem razão de existir. Alimentam-no os revisteiros falhados e essa coorte de adaptadores e tradutores sem escrúpulos nem gramática, que têm, a bem dizer, o monopólio dos teatros em Portugal. Estes cavalheiros, que fazem vida larga a encher de obscenidades e de dolices as peças alheias, é que esgrimem com este «papão» do público. E, no entanto, não podem negar que há peças, lá fora, em meios pequenos, que dão duzentas e tresentas representações seguidas e que, mesmo guardando as devidas proporções, são notáveis as séries de 2.000, 3.000 récitas de algumas



Maria Helena e Alves da Costa numa deliciosa scena de Miss França
(Foto H. de Novais)

obras em Londres e Nova York, na Alemanha e... na Rússia!

Isto é sintomático, porquanto por cá, apesar das belas adaptações, cheias de gracinhas, destes senhores todos... não chegam a alcançar mais de umas dúzias escassas de noites, a não ser que a primeira actriz faça o pino, dê dois saltos mortais ou o cómico cante uma cançoneta de ir parar ao Torel.

Donde se verifica que, lá fora, ao maior avanço scenico e ao arrôjo literário dos autores, correspondem a intelligência dos empresários e... o dinheiro na bilheteira...

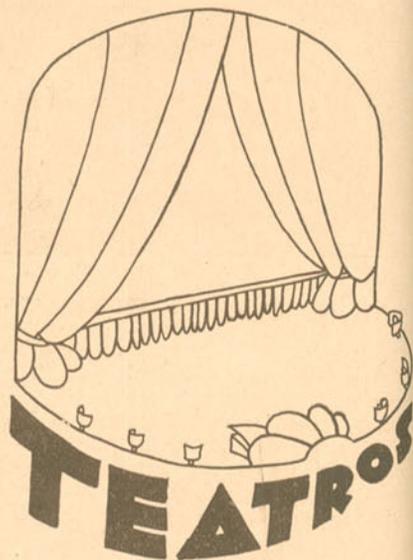
E em Portugal? Os cinemas mais falados, cantados e barulhentos do que nunca, vêem



Uma das scenas capitais de Miss França, o grande êxito do Politeama e de Maria Helena, a Jôvem e formosíssima artista
(Foto H. de Novais)

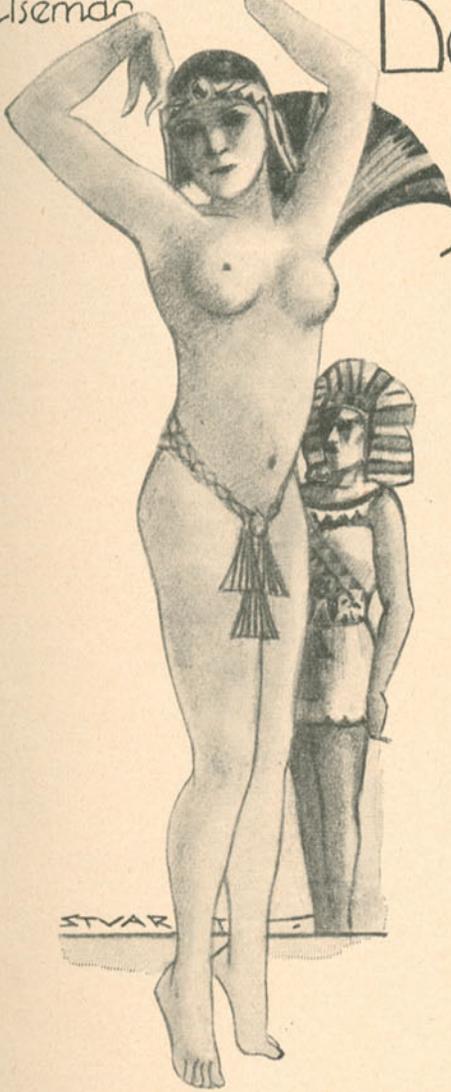
as casas cheias e, mercê dos encargos de locação das peluculas, os cofres vasio. São, no entanto, os grandes concorrentes dos teatros que, por sua vez, não se defendem por incapacidade directiva. Assim, os artistas que se associaram, no Trindade e no Avenida, estão em plena prosperidade, o empresário Emauz, com as suas revistas populares, faz singrar o seu barco e o Politeama apresenta-se para bem navegar com uma grande companhia em sociedade artistica. Outros estão em infelicidade, notavelmente o Nacional, que continua a ser um teatro impossivel sem subvenção, mesmo com Amélia Rei Colaço à frente, embora a ilustre artista esqueça que a sua elite não pode sustentar um negócio e se torna preciso trabalhar para a grande massa, que sabe tanto como essas pseudo-requintadas camadas e paga, mais generosamente, o seu bilhete... E por tôda a parte se nota a carência de peças e de director artistico. Mais nada!...

TALMA.



Uma reminiscência dum passado bem curioso. Little Walter, o palhaço que foi rei de Lisboa há 20 anos, com sua família
(Foto H. de Novais)

Entremoz de Stuart
Jayme de Balsemão
Balkis
e Salomão



vam repouso ao rei. Sentia a sua alma transviada, agora que nada mais podia desejar em tôda a Terra. Os guerreiros não faziam mais atalaia de lanças hervadas, sôbre o alcantil dos montes. De vale em vale, a tuba não retroava já canglorosamente, chamando à guerra. O seu apêlo era então substituído pelo silvo sonoro dos câlamos dos cabreiros. Como o rei Salomão não houvesse mais carência de pejeja, para grandeza do seu reino e do seu nome, tornára-se duma extrema bondade. À medida que os seus cabelos embranqueciam, pelo gear dos anos, aumentava nele uma grande preocupação sôbre o perenal juízo de Deus. Quis acolher-se à sombra da sua mão benigna.

Como o doido de amor sem saber aonde os passos hesitantes o conduzem, assim êle abandonava tôdas as mulheres do seu harem, a própria esposa e os prazeres do seu palácio. Em vão tinha o seu vinho o queimor especial do heléboro. Em vão as escravas e escravos, da maior beleza e elegância, se vestiam de gala e para êle dançavam, cercados de corimbos, ao som da pandoura, da lira, da flauta e da cítara. Salomão perdia-se na dúvida que provém do muito meditar. Divagava e scismava, no grande palácio de Mello sem joco e sem riso. Percorria indiferentemente as grandes salas alfombradas de flores e adornadas de mesas de jaspero lavrado. Esse esplendor era para êle tal uma caverna lóbrega. Os dias iam-lhe sempre vagorosamente. Tomava-o um grande remorso.

Estendido no seu leito de repouso de cana de palmeira e marchetado, mergulhava-se na recordação da sua infância rebelde, nas lendas divinas de seu pai, e, nas conquistas dêste. Invadido por grande medo que a sua inteligência e a sua justiça exageravam, pensava sempre em David, ora piedosa, ora agucrida, ora filosoficamente. E como condensasse em si essas três virtudes igualmente humanas, e, as podesse destrinçar para proveito da sua razão, deu primeiro ouvidos ao heroísmo de seu pai, pois que a sua longa prática de reinar lhe houvera demonstrado a vangloria da força.

David tivera executado rigores contra os amonistas e os amolecitas, de cujos bens se fêz senhor, distribuindo depois a pilhagem pelas tropas e pelos anciãos de Judá. David matára Goliath com um tiro de funda. E fizera muitas correrias contra os inimigos de Israel. Contudo o Senhor fôra seu amigo, permitindo-lhe aliviasse Saul atormentado de malefícios, ao tocar-lhe apenas com a sua harpa. E David nunca houvera inquirido porque o Senhor que o elegera, o amofinasse com tantos inimigos, e, o forçasse a verter tanto sangue.

E como Salomão fôsse um grande sábio, sorriu-se. Compreendeu. Seu pai houvera sabido pelear os homens assim como acalentá-los. Por isso, no fim da vida, dedicára a Deus os seus tesoiros, para regosijo dos homens que os olhavam. E fêz cânticos a Deus, e, prometeu-lhe um templo que a velhice sua não podera começar. E adormecera serenamente para a eternidade. Então o filósofo acordou em Salomão. Quis viver em paz e fêz-se piedoso.

As suas noites deixaram de ser cheias de preságios; perturbadas pelo bater de asas aziagas. A angústia não as velou mais. E o seu poder aumentou sempre. As suas barcas, com homens entendidos na náutica, chega-

rei Salomão excedia todos os reis do mundo em riquezas e sabedoria. Tôda a terra o desejava conhecer, e, ouvir-lhe a sabença e a sagesa que Deus nele houvera depositado. Pelo seu poder guerreiro dera vinte cidades ao rei de Tiro, e mandára, uma frota a Ofir. Pela sua sabedoria e cuidado, construiu muitas outras cidades e sujeitara muitos outros povos. Um dia, o faraó do Egipto tomou Gazer e a queimou, e, matou os cananeus com grandes tormentos, e, a deu em dote a sua filha, mulher de Salomão, o qual reedificou esta cidade, assim como Bethron e Balaath. E depois, fortificou tôdas as aldeias que lhe ficaram pertencendo pelas suas conquistas, e, que não tinham

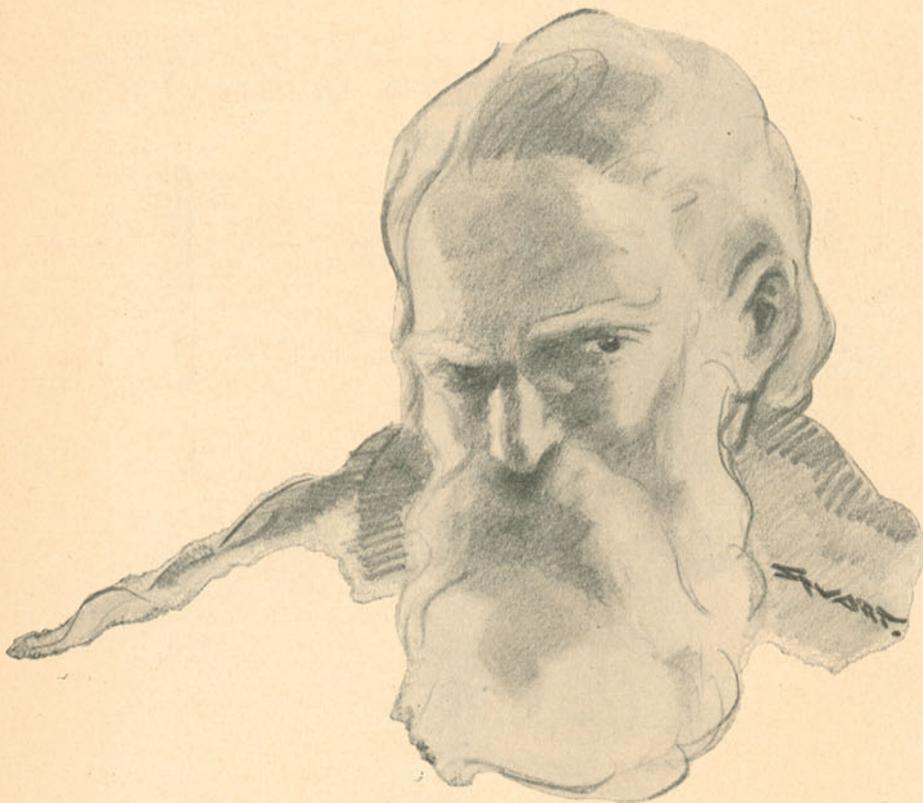
muros. E as cidades dos côches e as de gente de cavalo, e, tudo o que a êle lhe aprouve, ficou edificado em Jerusalém e no Libano, e, em tôda a extensão do seu domínio. Do povo sobrevivente aos massacres ordenados por Salomão, desesperando êle de o extinguir, porque era em grande número, resolveu fazer tributário da terra de Israel. Salomão perseverára nas suas conquistas, animado sempre pela idéa heróica de seu pai David, que Deus houvera elegido pelas suas vitórias sôbre os filisteus.

Ora, depois da sua vertigem sangüinária, o nome do filho de David começou assombrando mais ainda. As suas riquezas tornaram-se consideráveis, e, tôda a terra de Cabul ficou facilmente sob o seu domínio. E, pelos tempos da sega Hirão mandou a Salomão cento e vinte talentos de ouro e três mil ciclos de prata, e, madeira de cedro e de faia.

Mas, não a opulência nem a ciência da-



dara, uma frota a Ofir. Pela sua sabedoria e cuidado, construiu muitas outras cidades e sujeitara muitos outros povos. Um dia, o faraó do Egipto tomou Gazer e a queimou, e, matou os cananeus com grandes tormentos, e, a deu em dote a sua filha, mulher de Salomão, o qual reedificou esta cidade, assim como Bethron e Balaath. E depois, fortificou tôdas as aldeias que lhe ficaram pertencendo pelas suas conquistas, e, que não tinham



vam continuamente da terra de Idumea, com especiarias abundantes. As caravanas quando voltavam de Palmira, na terra ardente do deserto, mesmo quando os estios terríveis emurcheciam as palmeiras, eram sempre guiadas por um canto de alegria.

Ora nesse tempo vivia em Saba, na terra afortunada do Yemen, uma rainha, filha de reis, a quem os árabes chamavam Balkama, os etiópios Megeda, e, os hebreus Balkis. A sua beleza igualava a sua inteligência, e, os seus anos: somente vinte e cinco. Conhecia perfeitamente a ciência dos números, os livros da vida e os segredos que têm poder sobre o céu, sobre a noite e sobre as águas. Como fôsse muito sabida também na inscrição dos talimans, os doutos e os feiticeiros vinham procurá-la, de regiões longínquas, e, retiravam-se maravilhados, depois de se curvarem à sua excelência.

Sabendo ela da fama do rei Salomão, foi tocada por uma grande curiosidade e por um grande despeito, pois se considerava a pessoa reinante mais poderosa, mais esclarecida e mais famosa de todo o Universo.

Então, depois de trabalhosamente atravessar o Mar Vermelho, entrou um dia em Jerusalém, ornada de louças com grande comitiva e rica equipagem. Com camelos trazendo aromas, oiro em pó, marfim do Sudão, mirra, cinamomo, nardo, benjoim, pérolas, aljôbres do golfo e madeira cheirosa.

O rei fôra ao seu encontro. Desde longo tempo a esperava. Acolheu-a com magnanimidade e carinho. Fêz avançar muitos jovens filistinos duma beleza escolhida; e, estes ofereceram à rainha outras riquezas procedentes

dos saques de Salomão: purpuras de Sur e de Assur, sedas e brocados de Sham, tapetes de Nahr, opalandas de Khorasan, frutos de Irak, roseiras de rosas verdes de Damasco, e, gomis cheios de água preciosa de longa vida, da fonte de Silôé.

A rainha, despeitada e sorridente, pretendeu prestar vassalagem ao grande rei, o qual, sacudindo as suas barbas poentas, sentiu nos lábios desejos de ósculos devassos: desejos de lhe destrarçar as cómas negras, brilhantes de espyo e perfumadas de endro.

E fizeram-se de longada os dois, para a cidade, sobre palanquins cobertos de pele de agno, ao som de muitos psalteros. E Balkis harmonisava os seus movimentos com o tanger das cordas afinadas.

Ao raiar da lua, Balkis e Salomão estavam juntos na mesma câmara. E Balkis interrogava o rei por enigmas e em árabe, porque não falava hebreu:

— A renúncia rei, não é para ti a maior das virtudes?...

E Balkis desafiou a sua petrina de loros de aço e despiu a sua primeira veste, que era de setim azul celestino e ornada de cornélinas.

Mas o rei disse apenas: — Balkis!...

E ela continuou:

— Poder-se há ser um grande soberano, sem castidade?...

E ela despojou-se da sua segunda veste, que era de sêda escarlate e de diamantes.

Mas o rei só disse: — Balkis!...

Ela prosseguiu:

— Oh! Terra de Saba! florida e amena! Abundante de figos, de vinhas, de limões

doces, de melões, de alperches, medronhos e muitos outros frutos! Oh! árvores de incenso que lá formam espessas florestas!...

E, despojou-se da sua terceira veste que era de veludo romã e fibras de agata.

E o rei só balbuciou: — Balkis!!!...

E ela retirou silenciosamente a sua quarta veste que era de linho laranja, de franjas de oiro, e, de soguilha amarantho. E o rei, silencioso, e, esquecido da sua sabedoria e da sua eloquência, continuava sempre balbuciando apenas o seu nome. E, a rainha, rindo desdenhosamente, retirou a quinta veste que era de seda transparente, e, dum verde perturbador. Salomão quis retirar-lhe a sexta e a última veste, segura apenas por uma fíbula, e, a qual, acusava o corpo dela, pela sua transparência, pois era feita de musselina rubra e sem enfeites. Mas, a hora da ablução da viagem e da prece tinha chegado. Por isso, invocando êsse pretexto, Balkis correu para a sua estância, e, fechou com desdem e vitoriosamente, sobre si, as sólidas portas de couceiras de cõbre.

O rei contudo, conseguiu tranquilizar-se. Tomou o caminho do seu harem. Louvou a sua sabedoria. Como era bom filósofo, sabia aproveitar-se de tôdas as oportunidades.

Balkis partiu logo no dia seguinte, seguida dos sabêos, levando os presentes do rei, e, sentindo-se uma grande soberana porque a opinião é a realidade dos acontecimentos para os modestos e exaltados. E isto passava-se no sétimo dia do mês de Tammuz, e, no vigésimo primeiro ano do reinado de Salomão.

O Rei lamentou-se muito, errando pelos cevadais, como uma alma penada, durante um dia. E como o Templo não fôsse completado ainda, mandou fazer depois, das madeiras odoríferas que Balkis trouxera, os balaustres da casa do Senhor, assim como instrumentos para os músicos.

E vinte anos decorreram. E Salomão seguiu o culto dos deuses das suas amantes estrangeiras, adorando a Moloch, e, a Ashtarthe e a Camos. E o Senhor teve um grande desgosto e quis perder a Salomão.

Mas, disse-lhe:

— Pois que tu assim te portaste e não guardaste o meu pacto, nem os mandamentos que eu te ordenei, eu dividirei o teu reino e o darei a um dos teus servos. Contudo não o farei em teus dias, em atenção a teu pai David...

E Salomão ficou muito tranqüilo. E como era sagez, guerreiro e piedoso, aprovou.

O resto da história das acções de Salomão, assim como mais coisas que êle fêz com a sua sabedoria, está escrito no livro da história do seu reinado.

E reinou quarenta anos. E morreu muito velho e tranqüilamente, segundo a Bíblia.

E esta história não é incerto em os escassos de senso, nem para os incertos em compreensão, nem para os pobres de sensibilidade, nem para os falhos de raciocínio. Não é para os mortos entre os vivos e que portanto não têm parte na vida.

Para êstes todos, indifferença. Só o silêncio lhes é merecido. Só êle é soberano. Invocá-lo, é para êles já demais.



COMO RIEM OS HOMENS CELEBRES...



A ESQUERDA — Um sorriso que foi de esperança; sorrir do que foi o mais jovem monarca do mundo... e o mais efêmero... D. Manuel II de Portugal...



A DIREITA — Um sorriso de confiança e de bem-estar; o erudito de Londres, chefe da opulentiíssima Casa de Bragança, músico e homem de espírito... D. Manuel...



Um sorriso castizo que deve ter desaparecido, por vezes, dos reais lábios de D. Alfonso XIII, de Espanha

VALE a pena estudar o riso dos grandes homens.

A observação minuciosa do modo como a idéia do cômico desperta a hilaridade nos indivíduos de quem fala a fama,

ante os contrastes e desproporções, que são a essência do cômico.

Estudar o riso dos homens célebres, equivale a dizer, que nos propomos ousar esta audaciosa tentativa: Saber como os homens que atingiram na vida uma situação proeminente sentem os contrastes, as aparências desproporcionais, as atitudes inesperadas, a disparidade de situações em que muitas vezes a vida os colocou ou surpreendeu.

Porque o riso resulta justamente da mo-

Poderíamos até alargar os horizontes desta audaciosa aplicação do mecanismo do riso, ao estudo das várias épocas e classes sociais.



A ESQUERDA — O último chefe mohicano de tribo nómada ri

A DIREITA — E o representante do progresso, Doumergue, presidente da República Francesa, sorri apenas

constrói um documento psicológico de apreciável valor.

Só o homem ri. Sômente o homem possui a vantagem, que lhe assinala a superioridade intelectual, sobre os animais, de fruir a liberdade de espírito que lhe permite analisar os aspectos superficiais da vida e reagir



O democrático e jovial sorriso do Príncipe de Gales

mentânea supressão da realidade em relação a pessoa ou grupo que ri. Bergson, quando analisa o mecanismo psicológico do riso, conclui desta maneira audaciosa:

«O cômico é o absurdo sensível».

Que mundo de revelações não contém esta descoberta se a aplicarmos ao estudo do riso das mais altas individualidades?



Dois sorrisos que fizeram uma república. França Borges e Alfredo de Magalhães no dia 5 de Outubro de 1910

Como riam os antigos? Como riam os modernos?

É fácil concluir se pensarmos que noutros tempos a vida era menos rica de contrastes em relação ao nosso tempo. Outrora, os homens riam dos aspectos da vida que os cer-



A ESQUERDA — Um formidável sorriso de optimismo, de saúde e de confiança; o príncipe de Galles, herdeiro do democrático trono inglês...

A DIREITA — Um mas sacrado sorriso que o protocolo impõe; o príncipe das Astúrias, minado pela doença e angustiada pela perspectiva da herança do trono católico das Espanhas...



Um sorriso que não pode esquecer; o sorriso bom, franco e confiado de Manuel de Arriaga, o presidente que soube sofrer e morrer pela República

cava, riam para fora. Hoje, em muitos casos, o homem ri de si próprio, sem dar por isso, pois que a sua situação na vida, o seu prestígio súbito, a sua mudança brusca de fortuna, obriga-o a notar, partindo de si pró-



O sorriso radical de Herriot

prio, êsse «absurdo sensível» de que nos fala o grande filósofo do intencionismo.

Porque o cómico — o risível (não é de mais



O sorriso infantil de Lindbergh, depois de atravessar o Atlântico Norte

insistir) é uma acção do contraste intelectual do indivíduo em relação ao meio que o cerca. Quem tapar os ouvidos quando uma orquestra esteja tocando para dançarinos; a supressão do riso, isolando as atitudes dos



Um sorriso estereotipado; Douglas Fairbanks

bailarinos, faz que essas atitudes nos pareçam ridículas.

Ora no nosso tempo de anarquia de valores, quantas pessoas estão no seu verdadeiro lugar?

Por isso no nosso tempo, há como que o *riso exterior*, resultante das disposições contínuas, das disparidades de planos do indi-

víduo, com a sua própria classe, e com as suas verdadeiras tendências.

O riso, tem pois as suas variantes, o seu modo de distribuição, nas várias classes sociais.

Ilustrando êste artigo, damos a fotografia de um belo momento, o momento em que um monarca ri.

Como ri o rei? O seu riso é um riso infantil quási sem causa, como acontece nas crianças, quando a sua alma exprime a saúde física e a ausência de pensamentos maus. É o riso na sua mais nobre expressão. O riso do monarca é acolhedor. É um riso que pede perdão de se manifestar, e que pretende afas-



Um sorriso fleugmático; Lloyd George...

tar a significação grave das coisas para lhes transmitir um esplendor radioso de comunicabilidade simpática.

Eis a diferença essencial do riso.

Há o riso que castiga, o riso que destrói, e o riso que é uma demonstração de simpatia que se expande rápida. E enfim, o riso que é o resultado do estado feliz da emoção suprema do sentido cómico, moderado e agradável, susceptível de uma grande piedade. É esta associação, êste suave acôrdo de sentimentos contraditórios que caracteriza a atmosfera intelectual da pura nobreza.

Vejamos agora o riso diplomático. É o riso mecânico, que a observação adestrada, facilmente distingue.

O instrumento essencial do riso é o músculo facial, o grande zigomático, que se estende obliquamente, como um elástico, en-



O sorriso do rei do riso: Charlot



Um sorriso calvinista; Raymond Poincaré

tre as maçãs do rosto e as commissuras dos lábios. Desde que, de cada lado êste músculo se contraia os cantos da bôca elevam-se, e pode dar-se dêste modo (é o recurso dos actores) o efeito do riso.



Um sorriso satânico que dominou o mundo do oiro; Lowenstein, o trágico especulador que morreu misteriosamente

Mas só por isto, o riso é incompleto e logo, falso. É o riso parecido com a expressão do cadáver quando se faz passar uma corrente eléctrica sobre aquele músculo que tanto au-



Um sorriso universal: Mary Pickford

xilia a mentira da expressão no riso dos diplomatas.

Para que o riso seja natural é necessário que os olhos participem da mesma acção fisiológica que determina o movimento do músculo facial. O riso natural, produz sempre uma contracção dos músculos das pál-

pebras. O movimento da pálpebra inferior, é tão importante na mímica do riso que, sem ele, nenhuma emoção do riso verdadeiro, pode ser bem exteriorizado.



Uma risada popular: Carlos Leal o *compère* de revista por excelência

Estudando bem o mecanismo do riso, nas suas variantes de classes, de hierarquia de sentimentos, de cultura, e aplicando esse estudo à vida social, que revelações curiosas que ele nos fornece! Que rico material de elucidação!

Vejamos o riso dos grande condutores de multidões:

Acompanhando os grandes psicólogos do riso, Bergson, Darwin, Dugas, James Lilly, vemos que o cômico resulta duma súbita inversão de planos que por momentos anestesia o coração. É o caso do indivíduo que dá um trambolhão, e que provoca, com um desastre, uma queda.

É ainda um constraste de situações.



O sorriso bonacheirão do gordo Patty, que foi o triunfador dos primeiros tempos do cinema cômico

Quando um guarda de alfândega, ao acercar-se de um naufrago de um navio que submergiu ao pé do pôrto, pergunta se ele traz alguma coisa consigo que tenha que pagar direitos, a situação trágica não impede uma gargalhada.

A melhor afirmação, para o nosso caso, é esta: o riso resulta da supressão da realidade.

Está-se a ver o riso do condutor de massas. Tudo o que ele faz e diz, não corresponde ao que ele pensa. A excessiva gravidade que o momento falso lhe impõe, obriga-o a uma tão flagrante relação contraditória



Dois sorrisos velhinhos; o académico Coelho de Carvalho e o genial Taborda

ria que um súbito constraste desperta o riso inevitável.

O riso mais vulgar dos condutores de massas, é o que poderíamos chamar o riso aliciante. Socialmente, o riso é a forma mais contagiosa de estabelecer uma identidade de sentimentos em relação de uma idéa exposta. O riso consolida o grupo. Daqui o riso dos políticos, que procuram estabelecer um falso



O sorriso da «fera amansada»; Jack Dempsey, que foi o maior *boxeur* do seu tempo

congraçamento de planos; isto é: entre si e a massa.

«Rimos de tudo o que está deslocado»— afirmam os psicólogos do riso.

Considerai algumas expressões de homens públicos, que riem e vereis a verdade desta afirmação e a sua aguda elucidativa.

Há individualidades que riem, de estranheza, pois que elas se sentem perfeitamente desligadas do lugar que ocupam na consideração da massa.

Há ainda várias outras causas do riso nos políticos. Uma das mais vulgares é a crise de adaptação, ao meio que os cerca, porque



O sorriso alegre do trágico toureiro Juan Belmonte

não sentem nada os interesses da assembléa que os aplaude, ou não se ajustam ao tipo moral que pretendem figurar.

A rigidez, a acção mecânica, na expressão



O sorriso do Palhaço; Grock, o favorito de Paris, palhaço e doutor em sciências naturais

de elevados sentimentos e ideais, dão ensejo ao cômico.

A súbita adaptação a uma idéa pode provocar o riso.

Conta-se que o Papa Gregório XIV foi tomado de um grande acesso de riso quando soube da sua elevação ao sólio pontifício.

Não é sem razão que Dumont afirma, que é risível todo o objecto a respeito do qual o espírito se sente forçado a afirmar e a negar ao mesmo tempo uma mesma coisa.

Pode haver melhor explicação para o riso que uma boa máquina fotográfica pode surpreender em muitos parlamentares.

A história do riso é a história da evolução social. A defesa contra uma idéa intrusa, tem no riso um dos seus mais preciosos au-



Um gargalhar que se apagou; Luis Esteso, o incommensurável humorista espanhol

xiliares. Os selvagens quando querem defender-se contra os novos hábitos, levados pela civilização, desatam a rir. O constraste da cultura provoca sempre o riso quando se intenta uma forçada e súbita adaptação.

Pense o leitor neste arrazoado de considerações, e tente ajustá-las às fotografias que acompanham este artigo.

Talvez o leitor, acabe também por rir. Seria optimo.

O riso é uma das mais espontâneas tentativas para meter as pessoas e as coisas no seu verdadeiro lugar.

MOTORES

Da compra e conservação dum automóvel até à sua venda



OS PRIMEIROS AUTOMÓVEIS. Fortes e feios. Motor de 2 cilindros. Lubrificação por chapinhagem. Inflamação de martelos. *Mise en marche* por manivela ao lado do estribo

Outros conselhos que a experiência nos ensina, nos permitiremos dar-vos, que, se não redundarem em benefício directo do carro e seu maquinismo, indirectamente, ao menos, o atingirão, e vos darão pequenos ensinamentos, de cuja utilidade não ajuizareis bem o valor ao lê-los, mas que reconheceréis como bons, ao praticá-los.

PARA COMPRAR O AUTOMÓVEL. — Automóvel novo, já se deixa ver. Os usados são um pouco como as melancias; nunca se sabe o que está dentro; ou como as cautelas da lotaria que, a mór das vezes, não têm prémio.

Dêles não tratamos.

Temos pois, o problema inicial: — a compra. Grave êle é, na verdade, comprador amigo. Grave e complexo. Dizei-me. A que serviço destinais o automóvel? A vossa vida de cidade, aproveitando os bons domingos para ires almoçar às Caldas?

Tendes assuntos a tratar de terra em terra e precisais dum carro para rolar sempre na estrada?

Sois só, ou mesmo não o sendo, preferis deixar a família no animatógrafo? Gostais de conforto e moderação no andamento ou quereis velocidades e escape aberto?

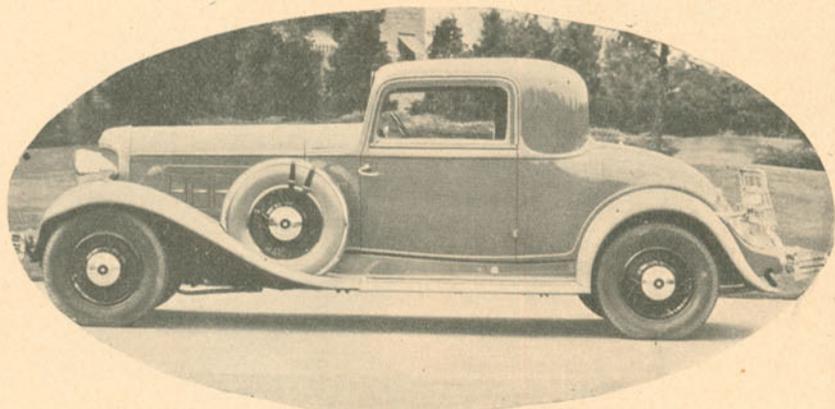
Querereis um auto só para vosso gôso ou gosais mais em *épater* os outros? Tendes muito ou pouco dinheiro? Estas perguntas, e omitimos dezenas de outras, servem apenas para destrinçar os gôstos dos compradores. A elas responderemos sòmente, que há carros para todos os paladares.

Um automóvel, desde o mais barato e popular, até ao mais caro e aristocrático, precisa de cuidados, condição *sine qua non*, para a sua conservação e bom rendimento.

Que êles hoje não são em número que assuste nem tão trabalhosos que fatiguem. A moderna mecânica tem procurado e conseguido a simplificação de certas operações, até há pouco, lentas e fastidiosas.

Razão bastante para que haja um pouco de atenção e se dediquem, de quando em quando, alguns momentos, à limpeza, afinação e lubrificação de tóda a máquina. Poupareis dinheiro e tempo, poupareis o carro e tereis nele um constante bom funcionamento.

Damos no número de hoje e daremos nos seguintes algumas práticas que, a serem seguidas, nos provarão o que acima é dito.



O AUTOMÓVEL, MODERNO. Conforto, elegância e perfeição mecânica

Pois comprei o carro que quizerdes, consoante a vossa bolsa, o vosso gosto e a vossa necessidade. Mas, guardai segredo. Segui o vosso critério sem consultar ninguém. O amigo que consultardes dir-vos-há que o seu carro é o melhor, como vos dirá que é o melhor o médico, o dentista e o alfaiate que o trata e que o veste. Uns dizem-no com sinceridade e porque não conhecem outro carro. Outros, porque estão mal servidos e acharão que vós não deveis estar melhor.

Livrai-vos de que um vendedor de automóveis tenha conhecimento da vossa intenção. Não tereis tempo para vos coardes duma pulga. Procurar-vos-hão em casa, no escritório, no café, no teatro e até mesmo no recondito ninho que vos convém conservar secreto. São gentis, são amáveis, e qual-quer deles vos dirá: «Tenho precisamente o carro que convém a v. ex.»

Embriagam-te, leitor, e acabareis por comprar exactamente o contrário daquilo que precisais.

Dirigi-vos, pois, ao stand, afoito e resolutivo.

Mas, antes, ouvi-me: há, na mecânica da compra dum automóvel, uma peça, que o comprador ignora, chamada *intermediário*.

Tal peça é nociva, quanto ao custo e qualidade do carro e, reside ela no amigo mais íntimo ou no parente mais chegado; convém, em primeiríssimo lugar, pô-la de parte, apenas surja.

Isto, se não tiverdes operado em sigilo e se vos agregue tal *satélite*.

Teremos então comprador e vendedor em *prise directa*.

Olhando o carro e convindo êle, nas linhas, número de lugares e qualidade de *carrosserie*, indagai do preço mínimo. Ouvido êste, atentai estabelecer um outro *mais mínimo*, seguindo para tal, com paciência e perseverança, pouco mais ou menos o processo que a vossa criada segue para a compra da hortaliça, com o vendedor da mesma.

Quando enfim não haja mais a argumentar, declarai que o carro é para um amigo e preguntai que comissão vos cabe. Agora, empregai o processo que o homem da hortaliça segue para com a vossa criada. Obtereis, dêste modo um novo desconto, que revertaria para o tal *carreto intermediário*.

Se o comprador é casado, que leve a sua mulher. As mulheres não percebem nada de mecânica, mas têm, em geral, melhor gosto que os homens e sobre conforto, uma percepção maior. Como, se se encontram duas juntas, as opiniões divergem, deixai sogra ou cunhadas em casa. Tendes filhos? Procurai uma *conduite*. As portas fecham-se e não tereis a preocupação de que êles caiam à estrada.

Tendes só mulher? Um carro de dois lugares. A verdadeira esposa considerar-vos-há um *ás*, o que é sempre *flattereur*, dar-vos-há pequenos conselhos de prudência. E os gastos da viagem sairão da comunidade. As pessoas amigas, se o carro as comportar, tereis de ir buscá-las a casa, e não estarão prontas à hora convencional. E entenderão que é dever vosso dar-lhes almoço e jantar, criticarão a forma como conduzis e acharão que fostes pouco amável por não terdes parado em ocasião em que tinham necessidade de se apearem.

Além de que, vós e a vossa esposa, à



Uma avioneta curiosa. Este pequeno aparelho Sunbeam Pup pesa apenas 506 libras (arrátéis) e tem um motor de 40 cavalos. O seu hangar é em cima dum dos aparelhos gigantes do «Metropolitan Air Port», podendo dali levantar vôo quando o seu pai anda no ar

(Foto Orrios)

volta, quando se deitarem, rirão com gosto recordando as pequenas peripécias da viagem.

Sois solteiro? Homem solteiro, na falta duma só companhia, precisa de muitas. Com-
prai um carro grande e, para os amigos, contas do Pôrto. (Manda a prudência deixá-los encher o depósito da gasolina).

* *

Uma coisa vos preocupa, comprador amigo, mais que que qualquer outra,— a velocidade.

Fixai bem que hoje todos os carros andam depressa e tratai de averiguar como andam êles devagar. Se um carro caminha com suavidade, em *prise*, a 10 quilómetros à hora, estai certo que fará os 100 com o acelerador a fundo. E notai que, com o motor no *ralenti*, não escapará ao ouvido ruído algum anormal, o que sucederá se o acelerardes.

Experimentai o poder do motor numa encosta, exigi uma experiência de travões numa descida.

Sobre o consumo de gasolina, não deverá o comprador exigir impossíveis, nem também deverá dar crédito àqueles que dizem que tal e tal marca consome muito. O gasto de gasolina está dependente da cilindrada, mas está-o igualmente de quem conduz.

A lubrificação deve merecer particular cuidado. Convém, pois, indagar, do seu sistema.

De resto, procurai uma boa marca. Por boa, entenda-se a que já tenha os seus créditos feitos e apresentai-vos sem desconfiança, para merecerdes sinceridade.

Hoje há dezenas de marcas feitas e nem os fabricantes erram nem os seus agentes enganam.

Tempos houve em que o comerciante de automóveis era tido um pouco na conta de cigano.

Se tal conta merecia, não sabemos, mas quere-nos parecer que a ela deu causa o tal intermediário, já atrás falado.

Adquirido o automóvel, tende o maior rigor em seguir um primeiro conselho que todos os fabricantes dão: não exagerar as velocidades nos primeiros 1.500 quilómetros. Mais para diante vos diremos porquê. Por

agora basta que observeis o conselho a preceito.

* *

TRATAMENTO DO AUTOMÓVEL.— Não convém ter um carro parado mais de 8 dias. Na impossibilidade de o *arçar* um bocado, verifiquem-se os pneumáticos, dando-lhes a pressão conveniente, veja-se a bateria, cobrindo as placas com água destilada e ponha-se o motor em marcha durante uns 10 a 15 minutos.

Nunca um carro se deve guardar, sem ter sido convenientemente lavado; a lama e o pó deterioram as *carrosseries*. Nesta limpeza, o *chassis*, por baixo, não deve ser descuidado, antes com êle as precauções devem dobrar. Uma vez seco e se o carro se destina a longa imobilização, motor e *chassis* deverão ser passados a brocha embebida em petróleo, os níquelados ou cromados revestidos de massa consistente.

Com chave de bocas ou a ingleza, ajustar porcas, parafusos ou pernes. É aconselhável uma cobertura para a *carrosserie*.

Os interiores batidos e bem escovados, portas e janelas fechadas depois de se ter espalhado no interior uma boa dose de naftalina.

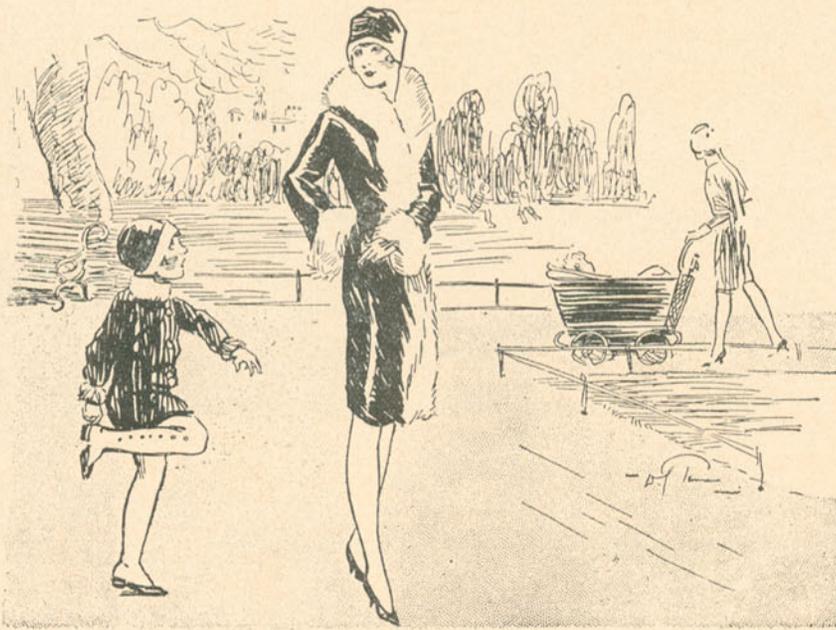
* *

Para o arranque do motor, se êste se encontra parado há dias, use a manivela, sobretudo no inverno. Com temperaturas baixas, o motor custa mais a *pegar* e, estando a bateria um tanto fraca, esgotar-se-há por completo, se se accionar a *mise en marche*, nas repetidas tentativas de arrancar o motor. Auxiliai êste arranque, fechando o ar ao carburador para uma mistura rica, isto é, abundante em gasolina, mas não se abuse desta carbução, que produz demasiados resíduos, em detrimento das válvulas e sedes das mesmas. Também não convém acelerar repetidas vezes, o que leva, o carburador a afogar-se.

Lembraí-vos de que toda a gasolina que entra no motor deve ser queimada; a que o não fôr irá misturar-se ao óleo, em prejuizo das suas boas propriedades de lubrificação.

(Continuará no próximo número).

R. LACERDA.



— É um preço que te está magoando, no sapato, filha?
— Não, mãesinha, é no pé que me magoa.

A CERTEZA, PRIMEIRO QUE TUDO

Angela:— Porquê estiveste a abrir essa carta, ao vapor, com tanto cuidado, para a tornares a fechar?

Elsa:— É que estou zangada com o Rodrigo, mas quis vêr o que êle me escrevia antes de lhe tornar a mandar a carta por abrir.

IMPOSSÍVEL

O médico:— Não se esqueça, então, de dar a seu marido três colheres de chá dêste remédio, tôdas as noites, ao deitar.

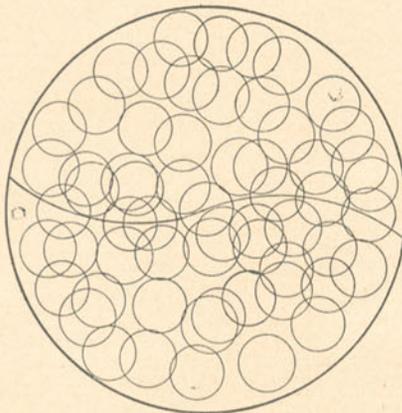
A sr.^a Januária:— Ai! senhor doutor, como hei de eu fazer isso? Só temos duas colheres de chá, cá em casa!



Onde está o unicórnio que acompanha o leão heráldico?

Os sete círculos

(Solução)



Aqui está a maneira de dividir a circunferência em duas partes iguais e simétricas, fazendo com que o traço que separa as duas metades corte sete círculos exactamente pelo centro.

JÁ ESTAVA HABITUADA

O advogado:— Sinto ter que estar a importuná-la com tôdas estas perguntas.

A testemunha:— Não importuna nada. Tenho lá em casa um petizito de cinco anos.

Miguel:— Já te aconteceu algum desastre em caminho de ferro?

Eusébio:— Já; uma vez que se apagaram as luzes dentro do túnel e eu beijeji, por engano, o pai duma rapariga que ia ao pé de mim.

O marido:— Aquele meu sócio é um homem insaciável. Quere tudo quanto vê.

A mulher:— Porque não o apresentas à nossa filha mais velha?

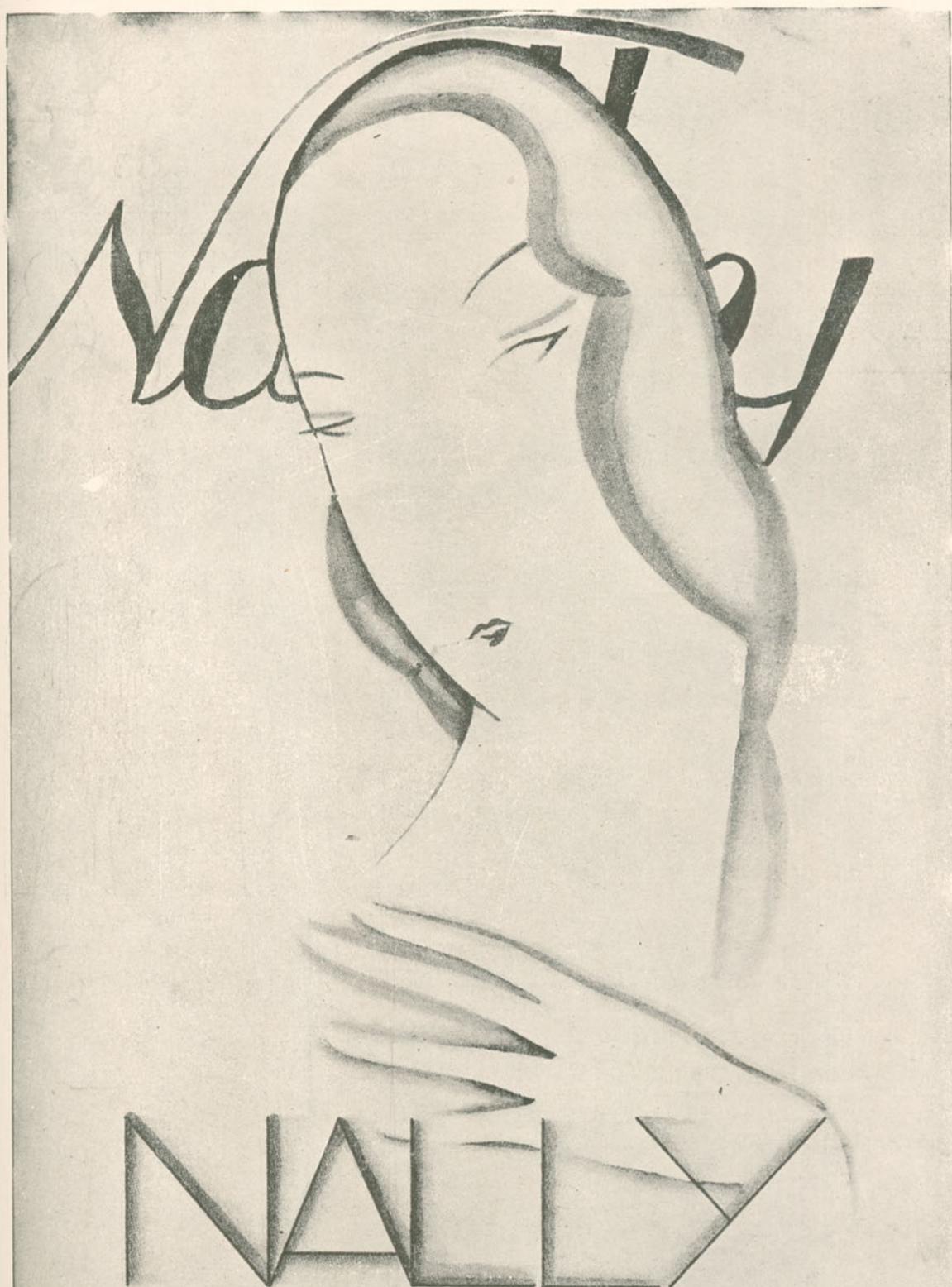
O amigo do médico:— Dize-me cá, já cometeste alguma vez algum êrro sério na tua clínica?

O médico:— Já. Curei, uma vez, um milionário em três visitas.

Um professor distraído estava absorto no seu trabalho quando a espôsa o chamou, gritando:— André, o pequenito bebeu a tinta toda! Que hei de fazer?

— Escreve com um lápis — respondeu êle abstractamente.





NALLY

MARCA ADORAVEL QUE A MULHER DESEJA
OS MELHORES PERFUMES
OS PRODUTOS "BENAMOR" SÃO PERFUMADOS COM ESSENCIAS DE NALLY

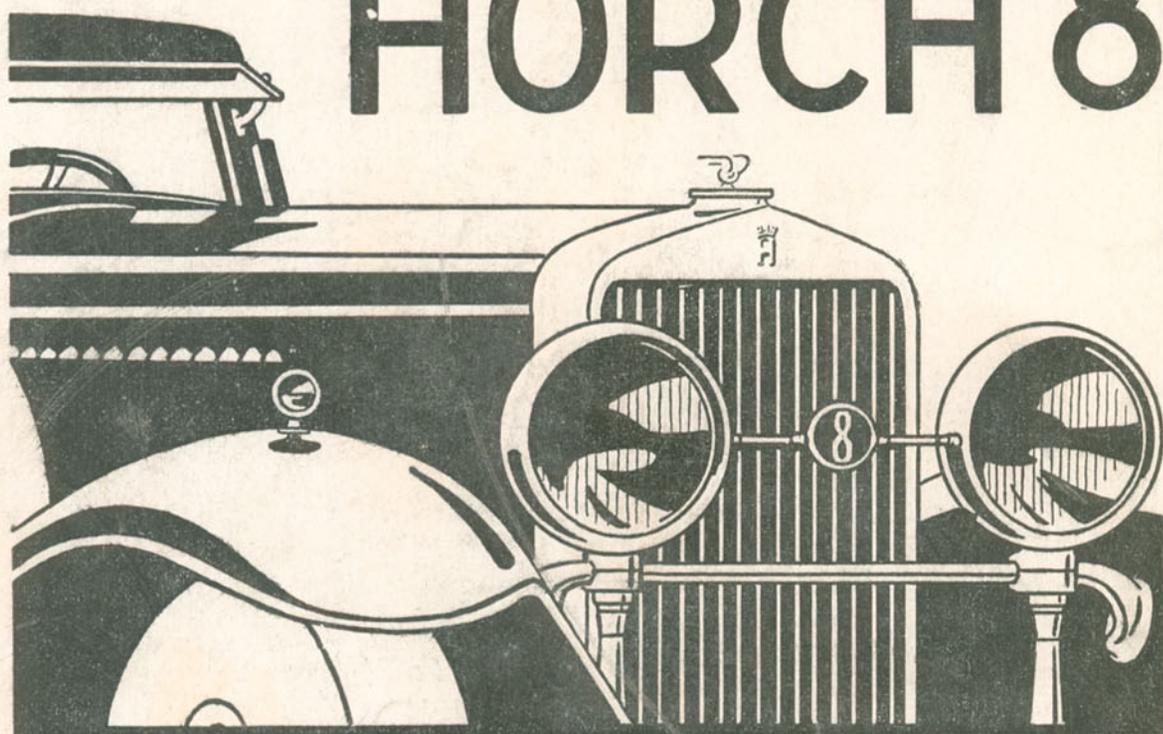
A S.E.T.E.R., L.^{DA}

(Société d'Études Techniques et Représentations L.^{da})



apresenta os

HORCH 8



A MARAVILHA DE 1931

O MAIS ELEGANTE

8 EM LINHA

Em exposição na sua grandiosa garage-stand

AUTO-PALACE

Rua Alexandre Herculano, 66 — Tel. N. 4692